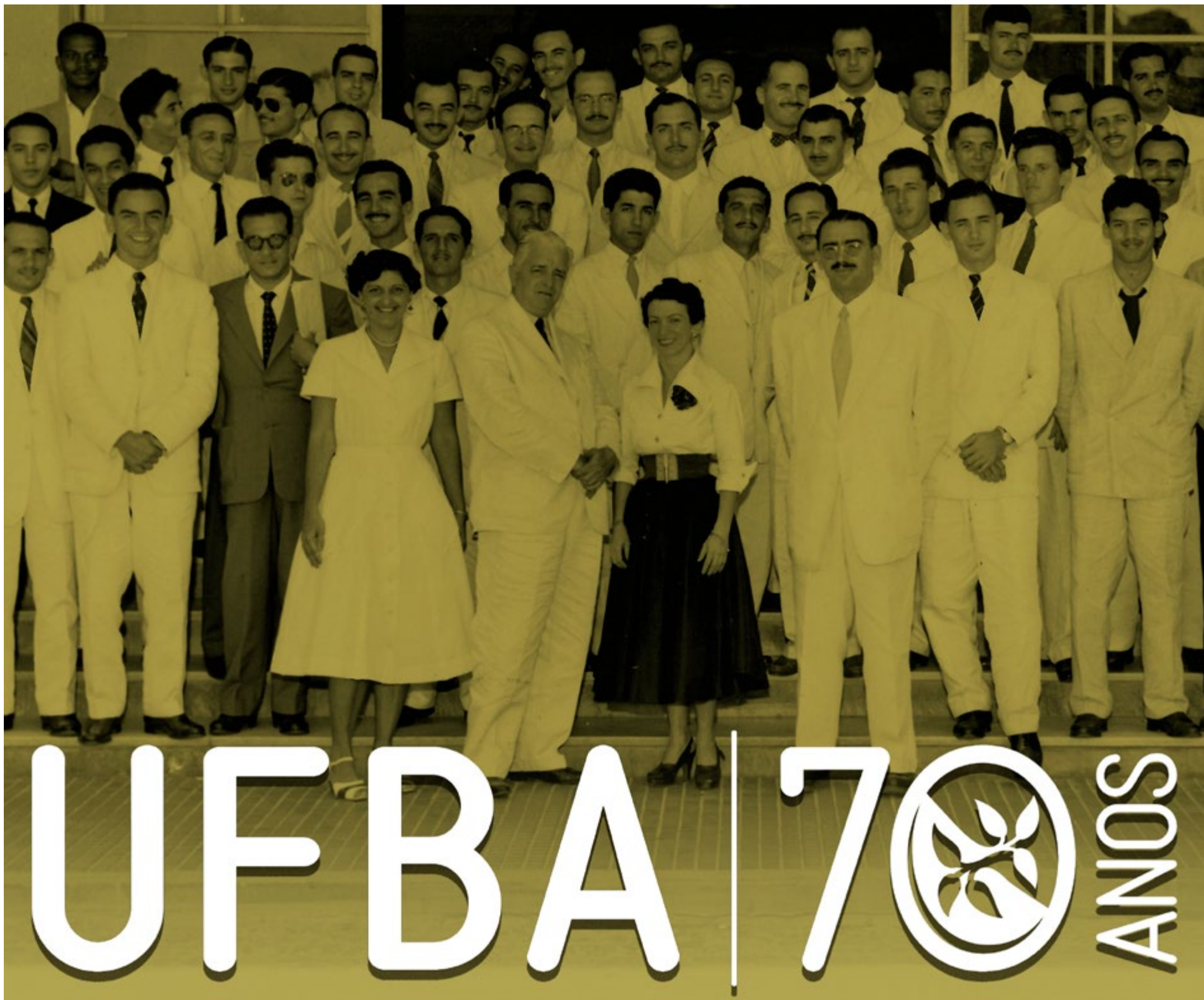


UFBA  
70  
ANOS

# JORNAL DA FACCOM

Jornal Laboratório  
da Faculdade  
de Comunicação  
da UFBA



Edgar Santos - fundador e primeiro reitor da UFBA - junto a Rubens Brasil Soares - diretor do Serviço Médico Universitário - alunos e alunas, na porta do então Hospital das Clínicas, hoje Hospital Universitário Professor Edgard Santos - HUPES.

## **Páginas 10 e 11**

Saiba o que é a estrutura que atravessa a escadaria da Poli

## **Páginas 16 a 19**

UFBA: De Salvador para a Bahia

## **Páginas 22 a 23**

UFBA em obras



# EDITORIAL

## Faculdade de Comunicação: Na vanguarda do ensino, da pesquisa e da extensão

Neste momento em que a UFBA celebra 70 Anos como universidade federal, a nossa Faculdade de Comunicação | FACOM se insere nesta história com a marca da aprovação pelo Conselho Universitário | CONSUNI da sua criação como Unidade autônoma. A reunião em que se aprovou a independência da FACOM ocorreu no dia 13 de novembro de 1986, quando era Reitor Germano Tabacof. Mas o funcionamento efetivo como Unidade acadêmica autônoma só ocorreu a partir de 1987, com a instalação da nova Faculdade no prédio da antiga Biblioteca Central, campus Canela, onde funciona atualmente o Instituto de Saúde Coletiva | ISC. Até então, Comunicação era um Departamento da Escola de Biblioteconomia e Comunicação. Professores e alunos, com muita firmeza e decisão, lutaram, reivindicaram a separação, pois entendiam já não ser mais possível que a UFBA não tivesse a sua Faculdade de Comunicação.

Com isso, além da graduação em Jornalismo – que existe como curso regular desde 1951, quando funcionava em Filosofia e Ciências Humanas – a FACOM passou a ofertar também a graduação em Produção em Comunicação e Cultura, uma das primeiras no país. Estabelecida a nova Unidade, com seu corpo docente e corpo técnico-administrativo próprios, ofertou-se o seu primeiro curso de pós-graduação: a Especialização em Comunicação Comunitária. Dois anos depois, em 1989, a Faculdade passou a ter o seu Curso de Pós-Graduação stricto sensu em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom), com a aprovação pela CAPES do mestrado e, em 1995, o doutorado implantou a sua primeira turma. Foi quando se constatou o quanto se havia crescido e só em um espaço mais amplo seria possível obter melhor infraestrutura para atender às necessidades da Unidade e permiti-la continuar o seu projeto de expansão, consolidação e aprimoramento contínuo.

Alunos, professores, técnicos-administrativos partiram, então, para a reivindicação à Reitoria de um novo espaço – o atual prédio, que um dia abrigou o Restaurante Universitário | RU. Em 1999, as aulas começaram a ser ministradas no novo espaço, o qual exigiu muitas adequações e, em 2001, todas as instâncias e atividades da Faculdade de Comunicação passaram a funcionar totalmente no prédio do campus Ondina. Em maio de 2011, a partir da aprovação pelo Conselho Acadêmico de Ensino | CAE, a FACOM passou a ofertar a formação específica na Área de Concentração em Cinema e Audiovisual para os alunos do Bacharelado Interdisciplinar de Artes. O nosso corpo docente e o nosso corpo técnico-administrativo cresceram qualitativa e quantitativamente. Os nossos cursos de graduação e de pós-graduação estão entre os melhor avaliados e referenciados do país.

Nesses 17 anos instalados no campus Ondina, obtivemos significativas melhorias na infraestrutura da Unidade: climatização para as salas de aula – equipadas com datashow e/ou televisões, bem como sonorização; reforma do auditório; ampliação da área física com a ala nova, onde estão os setores administrativos; as novas instalações para as salas do Centro Acadêmico, do Petcom e da Produtora Júnior; novos laboratórios de rádio e de fotografia; criação dos projetos Agenda Arte e Cultura; Agência de Notícias, Ciência e Cultura; Agência Experimental em Comunicação; Projeto Laboratório de Jornalismo Convergente; criação e consoli-

dação dos órgãos complementares Centro de Comunicação Democracia e Cidadania | CCDC e do Centro de Estudos Avançados em Democracia Digital | CEADD; oferta de novas especializações, dentre outros cursos de curta duração, seminários, colóquios.

Os grupos de pesquisa têm se desenvolvido amplamente e com destacada introdução de novas temáticas e conceitos, o que assegura atuação e reconhecimento nacional e internacionalmente. Temos, atualmente, 623 alunos de graduação; 65 doutorandos; 39 mestrandos; 60 alunos a cada semestre na Área de Concentração em Cinema e Audiovisual, além dos 60 novos alunos que entram anualmente na Especialização em Comunicação Estratégica e Gestão da Marca. Mais à frente, esperamos implantar o segundo ciclo para o curso de Cinema e Audiovisual; oferecer o Mestrado Profissional em Comunicação Estratégica e Cultura; cursos de especialização em Fotografia e Design de Marcas; implementar o Laboratório de Jornalismo Integrado; requalificar os espaços do Laboratório de TV e Vídeo – Audiovisual e prosseguir com as ações de melhoria operacional nos setores administrativos.

A história da FACOM é, certamente, uma história de vanguarda nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão, do intercâmbio acadêmico e cultural. Muito empenho, dedicação, compromisso foram e continuam sendo devotados a esta Unidade, o que permitiu à FACOM alcançar destacada posição nacionalmente e já internacionalmente também. Prosseguir avançando, aperfeiçoando e buscando sempre melhor qualificação para os nossos docentes, técnicos-administrativos, funcionários terceirizados, para a atualização dos nossos cursos, para a nossa infraestrutura é o desafio. Também nos desafia continuamente a manutenção do nosso prédio, principalmente nas circunstâncias atuais de redução orçamentária e corte de verbas para a educação.

A Faculdade de Comunicação une-se à comemoração dos 70 anos da UFBA com a produção desta edição especial do Jornal da Facom. Boa leitura!

Suzana Oliveira Barbosa, Diretora da Facom

## JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso  
Edição especial 70 anos da UFBA- Julho 2016

Reitor: João Carlos Salles Pires da Silva  
Diretora da Facom: Suzana Oliveira Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Edição de Arte e Diagramação: Carla A. Risso - MTb 19.260,  
colaboração de Edson Sales

Editorxs: Matheus Buranelli e Letícia Lopes

Repórteres (turma 2015.2): Ana Cely Lopes, Bárbara Gomes, Bruno Luiz, Carla Letícia, Cleane Lima, Cris Almeida, Gabriela Ferreira, Gustavo Mões, Gabriela Medrado, Helena Mafra, Ítalo Cerqueira, Jonas Lima, Josenildo Moreira, Júlia Vigné Maria Landeiro, Marina Fraga Maia, Matheus Caldas, Miria Cachoeira, Paloma Morais, Paloma Rigaud, Paula Holanda, Raí Guerra, Rebeca Bhone, Saville Alves, Thiago Conceição, Thiago Freire, Yananda Lima.

Assessoria de Comunicação  
Júlia Vigné, Bruno Luiz, Rebeca Bhone, Cris Almeida.

Ascom-Reitoria: Marco Antônio Queiroz

Fotógrafos: Cícero Cotrim/LabFoto, Gabrielle Guido/LabFoto, Lizandra Santana/LabFoto, Mallu Silva/LabFoto, Mara Mercia da Fonseca, Marco Correia/LabFoto, Dan Figliuolo

Ilustração  
Giovani Rufino e Carla A. Risso

Projeto Gráfico: Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

Distribuição gratuita

Contato: [jornaldafacomufba@gmail.com](mailto:jornaldafacomufba@gmail.com)







# 70 anos da Universidade Federal da Bahia

João Carlos Salles

**A**s instituições justificam-se por sua história e ainda mais, queremos crer, por seu futuro. E a UFBA, o maior polo acadêmico de nossa região desde o século passado, tem agora, ao completar 70 anos, o desafio de reafirmar seu lugar de vanguarda no cenário bem mais complexo e rico deste novo século.

Os números dizem muito. Já estamos perto de ter formado 105 mil alunos de graduação, além dos cerca de 3 mil doutores e 12 mil mestres. E somos hoje uma cidade expressiva, em nossos campi de Salvador e Vitória da Conquista, com cerca de 50 mil pessoas, entre estudantes, docentes, trabalhadores técnico-administrativos e terceirizados. Números tão expressivos que, em qualquer das dimensões da vida acadêmica, profissional, cultural ou da vida pública na Bahia, sempre encontraremos quem se reconheça, com orgulho, fazendo parte da nossa história.

Os números positivos da UFBA são tão eloquentes que, confiantes em nossa força e impor-

tância, não nos pode atemorizar o desafio de outros tantos números, como o de vários milhões para o término de obras inacabadas ou mesmo para o início de obras ainda necessárias. O destino da UFBA certamente se imporá ao desafio orçamentário das exigências crescentes da manutenção e do custeio de nossos espaços e atividades, do investimento em infraestrutura adequada para ensino, pesquisa e extensão, ou ainda da consolidação de um padrão de qualidade que torne verdadeiramente inclusivo nosso tecido acadêmico, em espaços propícios e ações ainda mais afirmativas.

Em 2016, não estamos celebrando especialmente o início de uma etapa importante do ensino superior na Bahia nem os primórdios de nossa história, que remonta ao início do século XIX ou mesmo a antes disso, conquanto essa história seja parte essencial de nosso patrimônio simbólico e efetivo. É decerto rica a história de escolas anteriores ao próprio projeto da Universidade da Bahia – posteriormente, Universidade Federal da Bahia – e que nesta continuam, mas celebramos sim, de forma especial, o modo como, em 1946, sob a égide de um projeto de Universidade, escolas antes isoladas se

articularam, com o acréscimo imediato de novas e a promessa das vindouras. Celebramos, pois, aquele grande gesto inaugural, que teve como protagonista nosso fundador, o Prof. Edgard Santos.

Celebramos, por conseguinte, a ideia singela de ser uma universidade bem mais que esforços dispersos e isolados, não estando mesmo completa nenhuma escola superior sem a integração em um corpus mais amplo e desafiador. Também celebramos o fato de a UFBA, com esse pacto originário, estando sempre inacabada e em permanente construção, ter começado inteira, ao conferir, por exemplo, um destaque ímpar para a área das artes já em sua fundação, ao fazer integrarem-se saberes e vocabulários, compartilhando doravante um mesmo espaço de significações e de vida político-acadêmica as mais diversas áreas do conhecimento, com o que se estabeleceram padrões de qualidade reconhecíveis por toda comunidade científica. Com efeito, para além de uma circunstância política feliz, de uma mera agregação do já existente, a UFBA nasceu como um grande projeto cultural e científico – no dizer de Edivaldo Boaventura, o maior projeto da Bahia no século XX.

João Carlos Salles,  
reitor da Universidade  
Federal da Bahia



Por nossa natureza crítica de autêntica Universidade, celebramos esse sentido dos 70 anos de uma maneira também característica, a saber, com debate, democracia e reflexão. O centro de nossa festa será um grande Congresso, que, além de apresentar a riqueza da produção acadêmica da UFBA, funcionará como a maior audiência pública jamais feita visando à elaboração de um Plano de Desenvolvimento Institucional. Para dar uma ideia modesta de como o Congresso foi abraçado por nossa comunidade, basta-nos antecipar que, em uma primeira análise, de cada três docentes da UFBA, um deles participa de alguma proposta submetida ao Congresso. E serão bem mais de 2.000 atividades, entre trabalhos, mesas, fóruns e intervenções artísticas, no período de 14 a 17 de julho.

O campo é vasto, generoso e fecundo, com frutos muitos, diversos e constantes. Mais que números, porém, é tempo de afirmar valores. Os valores da UFBA não foram necessariamente os mesmos nem estiveram desprovidos todos eles de conflitos ou mudanças ao longo da história. De todo modo, confiando no tempo e nas pessoas, os valores a celebrar, uma vez tecidos em gestos os mais demo-

cráticos e fundados em nossa natureza acadêmica e universitária, serão certamente os melhores. Afinal, se a democracia é um valor universal, esse valor se realiza e se confirma ainda mais amplamente em um espaço como o de nossa Universidade.

A UFBA é realidade e sonho. Não tem compromisso apenas com o imediato, com os predicados que já apresenta ou com dificuldades que porventura enfrente. Como lugar pleno de virtualidades, ao debater-se e revirar-se, precisa reafirmar seu compromisso com predicados e virtudes que ainda não tem, mas que se obriga desde logo a explicitar e antever. Deve então guardar o lugar para os conhecimentos ainda não elaborados ou não transmitidos, para descobertas e invenções inéditas, para os diplomas ainda não emitidos, para os muitos negros, indígenas, brancos e pardos de nossa terra que nela estudarão ou trabalharão, para o diverso e para o mesmo, para o que deve continuar e o que será surpresa, lembrando sempre, em seus planos e metas, em sua reafirmação constante de procedimentos democráticos, em seu combate permanente a manifestações de autoritarismo e a todas as formas de discriminação, seu

inegociável dever de excelência acadêmica e seu compromisso com nossa sociedade e nossas culturas, como uma universidade pública, gratuita, inclusiva e de qualidade.

Celebramos, pois, o diálogo atual e os filhos futuros, em um projeto sempre flexível, porque dúctil e sutil. Sua justificação como instituição se atualiza no desafio dos novos tempos, que nos exigem desde o aprofundamento da assistência estudantil a passos decisivos de internacionalização, de mais recursos no orçamento a melhor qualidade dos dados disponíveis em nossos sistemas de gestão e informação, mais agilidade sem perda de rigor, desburocratização sem perda de valores republicanos, fortalecimento das instâncias democráticas de deliberação, melhoria da comunicação e muita inventividade, com novos cursos, novas redes e arranjos institucionais, ao tempo que se fortalecem as formas por que a competência acadêmica, por décadas e décadas, tem se realizado em nossa instituição, agora tanto mais forte e qualificada porque mais diversa e inclusiva.





Lizandra Santana/LabFoto

Deivid Cerqueira dá aula de Leitura Orientada para os alunos do turno vespertino do Pré-Vestibular

# Pré-vestibular gratuito para estudantes de baixa renda

## Projeto de extensão na UFBA irá contar com apoio institucional da universidade

Gabriela Medrado e Marina Fraga Maia

O Pré-Vest na UFBA surgiu como um projeto voluntário de alunos da universidade, com o objetivo de oferecer um cursinho pré-vestibular para estudantes de baixa renda. A iniciativa, inspirada por outros cursinhos organizados por alunos de diversas universidades brasileiras, hoje conta com 60 graduandos, entre professores, monitores e diretores, e foi aprovada como projeto de extensão pela Pró-Reitoria de Extensão (PRO-EXT) em abril passado. Com a aprovação, o cursinho passa a contar com apoio institucional para a manutenção de sua estrutura, ganha professores orientadores e 8 bolsas para os membros.

### A inscrição

A ideia foi gerada através de um post no Facebook sobre o pré-vestibular de outra universidade. A mobilização começou em novembro de 2015 com reuniões entre 15 alunos voluntários. “Era nossa obrigatoriedade para manter a ideia viva, para tirar do papel. Conforme as reuniões foram acontecendo, o número de voluntários foi aumentando” afirma Felipe Assunção, hoje diretor-geral do Pré-Vest e professor de Matemática do curso.

A ideia era oferecer um ensino diferenciado e não somente uma alternativa gratuita para os

vestibulandos: “Os cursinhos estão custando em média 1.500 reais. Nem todo mundo tem como tirar do bolso esse dinheiro mensalmente pra um curso, que às vezes nem chega tão próximo da realidade de quem tá indo. Os professores não sabem quem frequenta as aulas, as salas são imensas, cheias de gente e não têm um contato mais humano” afirma Murilo Melo, estudante de Letras e professor de Gramática do Pré-Vest.

A procura dos vestibulandos foi alta. Nos dois dias de inscrição foram distribuídas 800 fichas, 400 em cada um, mas pelo menos 3 mil pessoas tentaram se inscrever. Ana Carolina Ramos, estudante de BI de Artes e professora de Redação do cursinho, conta que não esperava que o projeto tomasse uma proporção tão grande. “Tinha gente desde a noite anterior para a inscrição. Teve gente que dormiu na UFBA. E a proporção que tomou foi realmente inesperadíssima”, lembra. Os critérios utilizados para a seleção foram ter uma renda igual ou abaixo de 1,5 salários mínimos e estudar em escola pública, ou possuir bolsa integral em colégios particulares. Foram selecionados 140 alunos - 70 do turno vespertino e 70 do turno noturno.

Atualmente as aulas são ministradas em uma sala no PAF V. Os orientadores do projeto são: Evandro Ferreira, diretor do Instituto de Matemá-

tica, Karina Menezes, professora da FACED, Karla Rodriguez, professora da Politécnica, Jailson dos Santos, professor do Instituto de Química e Paul Regnier, professor do departamento de Ciências da Computação. A seleção dos candidatos foi realizada através de uma entrevista, elaborada por alunos de psicologia, para conhecer o perfil socioeconômico dos candidatos, além de uma avaliação dos motivos de cada um para se inscrever e se possuíam meios de acompanhar as aulas e se manter no curso.

Para Felipe, o objetivo maior do cursinho é “tentar dar uma oportunidade, mostrar para os alunos que vêm de uma classe não muito favorável, de uma rede pública de ensino que é bem precária, que eles podem sim vencer na vida, buscar caminhos diferentes, alcançar os os sonhos que têm”. Ana concorda e complementa “Nosso objetivo não é só passar conteúdo em sala, nós queremos que eles criem uma consciência sobre os mais diversos assuntos. Passar no vestibular é importante, mas não é o principal”.

### A Institucionalização

À medida que o projeto foi tomando grandes proporções, os alunos da UFBA, buscaram apoio do DCE e do reitor, João Carlos Salles. Em fevereiro deste ano foi feita uma reunião entre membros da organização do cursinho e o Reitor, que resultou no início do processo de institucionalização da proposta. Para Penildon Silva Filho, Pró-Reitor de Graduação, a evolução do cursinho para um projeto de extensão foi fundamental “para garantir que a iniciativa tenha uma orientação capacitada de professores que auxilie o trabalho dos voluntários no programa, para avaliar quais conteúdos devem ser ministrados e cuidar para que o material didático possa ser usado sem problemas de direito autoral ou problemas de conteúdo”, revela.



# Violências machistas nunca mais

## Mulheres denunciam violência de gênero na universidade

Rebeca Bhone e Thiago Freire

O ano de 2016 está sendo marcado por denúncias de violências racistas e de gênero em unidades da instituição. A Ouvidoria da UFBA acompanha, neste momento, sete casos do tipo. Muitas denúncias são divulgadas apenas informalmente, nas redes sociais. Os depoimentos apontam que os abusos e assédios envolvem todas as categorias da universidade – docentes, discentes, servidores técnico-administrativos e terceirizados. As alunas, entretanto, são as que mais sofrem com os assédios.

Em menos de doze meses, dois casos extrapolaram os muros da UFBA e se tornaram pauta da imprensa baiana. No primeiro, em maio de 2015, estudantes dos cursos de Física e Engenharia se reuniram para afastar um professor do Instituto de Física, alegando comentários misóginos e constrangedores em relação às alunas. Situação semelhante ocorreu na Faculdade de Comunicação, no semestre 2015.2. Comissões de sindicância investigativa foram abertas para apuração.

Para a estudante Caroline Santos, 21 anos, integrante do Diretório Acadêmico de Psicologia, curso onde também houve caso similar, a quantidade de denúncias recentes é reflexo da luta feminista. “Essa mobilização toda mostra como as mulheres têm se auto-organizado e o feminismo tem se fortalecido dentro da universidade”, analisa. “(O professor denunciado) é apenas mais um. Seja em sala de aula, corredores, na portaria, nos grupos de pesquisa, sofremos diariamente com a estrutura machista e patriarcal da universidade”, conclui.

### Debate é urgente

A coordenadora de Mulheres do Diretório Central de Estudantes, Maria Joana Uzêda, afirma que o assédio é constante na UFBA. “A violência existe na universidade. Ela é naturalizada, a gente passa por isso em todos os lugares em que a gente está”, denuncia. Segundo ela, “o debate da violência de gênero é urgente”, diz.

A aluna do mestrado Gabriela (nome fictício), 24, aponta a naturalidade com que as agressões verbais ocorrem. “É corriqueira a violência verbal

causada na maioria das vezes por [...] operários que trabalham no prédio em construção do IHAC (Ondina) e seguranças [...] que ficam nas portarias. Para os homens e para a sociedade, é normal” afirma. Já Brenda (nome fictício), 20, aluna da Escola de Belas Artes, pontua o comportamento machista dos próprios colegas de sala. “Pegávamos a mesma matéria e no dia da primeira prova conheci esse cidadão. Após a prova, continuamos a nos falar normalmente. Até um dia em que eu estava de costas e ele veio por trás e ia me dar um beijo. Percebi porque virei na mesma hora e me afastei sem entender. Me senti invadida. Nunca dei ousadia”, relata.

Segundo a ouvidora da UFBA, professora Denise Vieira, todos os casos denunciados ao órgão são ouvidos e encaminhados ao gestor da unidade em questão. “Nós conversamos, pedimos para a pessoa fazer o relato, encaminhamos ao gestor e pedimos para que tomem uma providência”, afirma. O gestor vai decidir o que fazer, de acordo com a legislação da universidade e, se for o caso, com a lei que rege o serviço público federal. Para apurar o caso, a unidade pode abrir uma sindicância, que terá um prazo de 30 dias para investigar e formular um veredito. Uma vez determinadas as responsabilidades, um processo administrativo disciplinar pode ser aberto para definir a pena, que pode variar entre uma advertência até expulsão da universidade.

### Cultura do estupro

Os casos de estupros e assédios sexuais em campi de universidades são alarmantes. Diversas unidades de ensino no país apresentam denúncias contra alunos e professores. Na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em São Paulo, foi criada uma página no Facebook intitulada “Meu Professor Abusador”, que reúne pelo menos sete relatos ocorridos na instituição. Em março deste ano foi criada a hashtag #MeuMigodaUFRN, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para coletar denúncias relativas à instituição. A campanha foi puxada pelo coletivo Leila Diniz, um dos mais conhecidos movimentos a favor do empoderamento feminino no estado. A mobilização já motivou diversas denúncias, desde assédio sexual até estupro em festas da universidade.

Os números de violências crescem, e a ideia de haver uma cultura do estupro no Brasil foi reforçada pela secretária nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, Aline Yamamoto, que afirmou acontecerem mais de 500 mil estupros por ano no Brasil, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Apesar disso, apenas 10% dos casos são denunciados à polícia ou à justiça, número atribuído ao silenciamento e à constante culpabilização das vítimas, seja por roupas ou comportamentos considerados “inadequados”.

### Caminhos possíveis

Universidades ao redor do mundo já adotaram protocolos específicos para casos de violência de gênero. A Universidad Nacional de La Plata, na Argentina, criou um documento intitulado Protocolo de Ação Ante Situações de Discriminação e/ou violência de gênero. O protocolo serve com um guia de medidas a serem tomadas perante denúncias de abusos físicos, psicológicos e sexuais. Já a Universidad de Alicante, na Espanha, adotou doutrinas para prevenir, combater, detectar e resolver situações de abuso sexual e assédio dentro do instituto, englobando inclusive serviços terceirizados.

A professora Cecília Sardenberg, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher (NEIM), sugere a criação de uma comissão permanente de direitos humanos e enfrentamento à violência. “O problema dos casos de violência que ocorrem na UFBA – casos de assédio, homofobia, racismo – é que eles acabam sendo tratados isoladamente. A gente precisa de uma comissão que trate disso, preparada para trabalhar com esses casos”, opina. Para a docente, a comissão teria que ter representação dos três segmentos que compõem a universidade, além de grupos e institutos que trabalham com essas questões. A ouvidora Denise Vieira manifesta preocupação. “Somos muito sensíveis e atuantes em relação à questão da discriminação de gênero e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem na universidade”, afirma.





# Os oito escolhidos

Propostas de INCTs da UFBA são aprovadas pelo CNPq; conheça cada uma delas

**Bruno Luiz e Thiago Conceição**

Nas comemorações dos seus 70 anos, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) ganhou uma espécie de presente. Oito propostas de criação ou manutenção de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT) da universidade receberam aval do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e devem obter recursos federais para capitalizar a realização de pesquisas pelos próximos seis anos. Divulgado no último dia 11 de maio pelo CNPq, o resultado apresenta a lista dos 252 INCTs contemplados pelo órgão.

As propostas aprovadas vão desde trabalhos sobre ecologia e doenças tropicais, até temas como

energia, meio ambiente e democracia digital. Dos oito INCTs que receberam a anuência do órgão federal de fomento à pesquisa, quatro já existiam e foram repropostos. São os casos dos INCTs de Energia e Meio Ambiente (INCT-EA), coordenado pelo professor Jailson Bittencourt de Andrade; Ciência e Tecnologia em Geofísica de Petróleo (INCT-GP), liderado pelo professor Milton José Porsani; Ciência e Tecnologia em Doenças Tropicais (INCT-DT), encabeçado pelo professor Edgar Marcelino de Carvalho; e Meio Ambiente Marinho Tropical (INCT AmbTropic), conduzido por José Maria Landim Dominguez. Os outros quatro devem ser criados, após terem as propostas aceitas pelo CNPq. São eles os INCTs de Ciência e Tecnologia em Es-

tudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução (IN-TREE), coordenado por Charbel Niño El-Hani; Corte Brasileira em HIV-AIDS (INCT - CoBRA), sob a batuta de Carlos Alberto Brites Alves; Saúde (INCT-Saúde), coordenado pelo professor Naomar Monteiro de Almeida Filho; e Democracia Digital (INCT-DD), liderado pelos professores Wilson da Silva Gomes e Othon Jambeiro.

## **Sustentabilidade em pauta**

Figurando em 10º lugar na lista de aprovados, a maior posição entre os institutos da UFBA, o IN-TREE vai desenvolver projetos temáticos que aliam pesquisa ecológica e evolutiva, com foco no uso sustentável da biodiversidade. De acordo com a proposta apresentada por Charbel Niño El-Hani, o objetivo é implementar “um robusto Programa de Educação em Ciência e Difusão de Conhecimento”. Para isto, o INCT contará com uma rede de 49 la-

boratórios espalhados por diversas instituições de Ensino Superior do Brasil, como as universidades estaduais de Feira de Santana (UEFS), do Estado da Bahia (Uneb), de São Paulo (USP) e Universidade Federal do Ceará (UFC). Além dos laboratórios, o instituto de pesquisa terá também uma rede de 45 pesquisadores de 37 instituições em diferentes países da Europa, e nas Américas do Norte e do Sul.

O INCT-EA manterá os estudos sobre um tema caro à agenda do desenvolvimento sustentável: os biocombustíveis. Segundo Jailson Bittencourt, o instituto, que iniciou as atividades em março de 2009, pesquisará a valorização do uso do etanol na frota veicular e vai elaborar uma certificação para os combustíveis comercializados nas diferentes regiões do país. “Será estudada a combustão in situ dos combustíveis em equipamento ‘motor monocilindro’ de modo a otimizar o funcionamento dos diferentes motores (ciclo Otto e ciclo Diesel), [...] bem como o impacto dos gases e material particulado em escala emitidos na atmosfera de centros urbanos brasileiros”, diz o professor na proposta. Os grupos de pesquisa envolvidos se distribuem também pelas universidades federais de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (UFMG, UFRJ, UFSC e UFRGS), além das estaduais de Feira de Santana, Rio, São Paulo, Campinas e Londrina (UEFS, UERJ, USP, UNICAMP, UEL).

Com um grupo de 32 pesquisadores das universidades Federal do Paraná (UFPA), Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e estaduais de Campinas (UNICAMP) e do Norte Fluminense (UENF), além da própria UFBA, o INCT-GP conta com projetos que estudam as dificuldades na exploração de novas reservas de petróleo e a necessidade de recu-

peração das já existentes. Segundo o site do instituto, o objetivo também é desenvolver “pesquisas integradas com a capacitação de pessoal, para fazer frente aos novos desafios tecnológicos e reduzir a carência de recursos humanos da indústria do petróleo e da academia”.

### **O pulso ainda pulsa**

O INCT-DT conta com cerca de 25 projetos de pesquisa que estudam patologias como Leishmaniose, Doença de Chagas, Hanseníase, Esquistossomose e a infecção causada pelo HTLV1 – vírus linfotrópico da célula T humana. O grupo reúne 16 pesquisadores de instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a USP, UFRN e UFMG. Para o coordenador Edgar de Carvalho, os INCTs, criados em 1996, resolvem um problema conhecido dos pesquisadores: o pouco tempo de financiamento dos estudos. “Em 99% dos projetos de pesquisa do Brasil, o financiamento é feito por apenas dois anos. A quantidade de verbas é pequena e a maioria que

tem esses projetos só termina os estudos depois da conclusão do financiamento. Os projetos dos INCTs recebem financiamento por cinco, seis anos, o que faz com que tenhamos um desenvolvimento melhor das pesquisas”, explica.

Ainda no âmbito das pesquisas sobre Saúde, o INCT-coBRA investirá em pesquisas sobre a epidemia do vírus HIV,

causador da Aids, no Brasil. O instituto pretende estudar as relações existentes entre as coinfeções de pessoas diagnosticadas com HIV e pacientes com Aids, para observar como o vírus interfere na qualidade de vida das pessoas. Com colaborações de oito instituições de Ensino Superior localizadas em estados como Amazonas, Ceará, Rio Grande do

Sul e Paraná, os estudos receberão também apoio internacional. Pesquisadores da University of New Mexico School of Medicine, University of Miami Miller School of Medicine, ambas nos Estados Unidos, e da University of Bonn, na Alemanha, colaborarão nas pesquisas. O coordenador do instituto, Carlos Alberto Brites Alves, destaca a importância social dos estudos. “O tratamento para pacientes com HIV é caro. Estamos nesse trabalho tentando encontrar soluções para diminuir os gastos desse tratamento”, afirma. Outra proposta de instituto aprovada na área da saúde é o INCT-Saúde, coordenado pelo ex-reitor da UFBA, Naomar de Almeida Filho. As pesquisas desenvolvidas pela entidade devem estudar a equidade na distribuição dos serviços de saúde.

### **Vida marinha ameaçada**

Também autorizado pelo CNPq a receber recursos para continuar as pesquisas, o INCT-Amb-Tropic continuará com projetos voltados ao estudo das mudanças climáticas nos ambientes marinhos nas regiões tropicais. Além da UFBA, que concentra a sede dos institutos, integram a entidade pesquisadores da UFRN e UFPE. Segundo o coordenador José Maria Landim Dominguez, as alterações no clima devem provocar graves impactos nas regiões Norte e Nordeste. “Os ecossistemas podem ser seriamente afetados pelas mudanças climáticas. Essa elevação do nível do mar pode aumentar o processo de erosão costeira”, explica.

### **Estudos em Democracia Digital**

A Faculdade de Comunicação (FACOM) também vai abrigar um INCT. Localizado no primeiro andar da unidade, o Centro de Estudos Avançados em Democracia Digital (CEADD) será a sede do ins-

“É como se fosse uma espécie de ficção.”

*José Maria Landim Dominguez*





tituto de Democracia Digital. Segundo o coordenador Wilson Gomes, quando implantado, o INCT-DD contará com 79 pesquisadores-doutores, sendo 44 cientistas que atuam em centros de pesquisa brasileiros e 35 pesquisadores estrangeiros. Integram a rede do projeto 37 instituições – universidades, centros de pesquisa e laboratórios –, sendo 16 brasileiras e 21 estrangeiras. “O CEADD conseguiu elaborar uma proposta inovadora, em um dos temas que representam uma prioridade do momento [democracia digital] em qualquer parte do mundo e articular uma rede muito grande e muito qualificada de laboratórios associados, no Brasil e no exterior”, comemora o professor.

### Universidade de obstáculos

O bom desempenho das propostas de INCTs da UFBA na lista do CNPq contrasta com as dificuldades enfrentadas pelos coordenadores para manter o funcionamento dos institutos. José Maria Landim Dominguez, por exemplo, demonstra certo ceticismo quanto ao futuro da entidade que coordena, o AmbTropic. De acordo com ele, o CNPq ainda não pagou 70% dos recursos que deveria destinar ao instituto, contemplado em uma chamada feita pelo órgão em 2009. “Não dá pra gente ficar entusiasmado. Com essa crise que o país está passando, a incerteza de que vamos receber os recursos dessa chamada de 2016 é ainda maior. É como se fosse uma espécie de ficção”, lamenta. Landim também classifica a burocracia como o principal entrave ao desenvolvimento das pesquisas. “Até para alugar um carro tem que fazer três cotações, uma licitação. Isso tudo torna o processo muito lento. O que a gente poderia resolver em um ano em termo de

resultados, acaba levando cinco anos. São coisas absurdas”, critica.

Segundo Edgar Carvalho, coordenador do INCT-DT, a UFBA não consegue fornecer a estrutura necessária para os institutos. “O administrador do INCT não é pago pela universidade. A universidade não tem a infraestrutura de apoio pessoal. Tem o apoio das instalações, mas o apoio de pessoal é algo extremamente limitado. A carreira da universidade tem sido prejudicada. Não se tem dado valor ao mérito científico”, critica.

Os pesquisadores avaliam positivamente o fato de oito INCTs da UFBA terem sido aprovados, mas ponderam que a universidade poderia chegar mais longe. “Foi muito bom para a UFBA, mas ainda é pouco se a gente comparar com as regiões Sul e Sudeste”, afirma Landim antes de criticar a desigualdade na distribuição de recursos, já que grande parte deles é destinada a universidades do Sul e Sudeste, em detrimento a IES de outras regiões. “Normalmente, pelo menos na minha área, se você for olhar os recursos do CNPq, 70% dos recursos de bolsa e pesquisa são direcionados para a região Sul e Sudeste, que representam um terço da costa brasileira. Leste-Norte-Nordeste, que representam dois terços, recebem apenas 30% dos recursos”, reclama. “A UFBA tem vários grupos fortes (grupos de pesquisa, laboratórios, programas de pós-graduação) e com forte liderança nacional e internacional mas, historicamente, sempre tivemos que lidar com a dificuldade gerada pela ausência de políticas institucionais consistentes, corajosas e de longo termo no que tange a Ciência, Tecnologia e Inovação”, afirma Wilson Gomes.

“Hoje é dia de celebração e de construir novas esperanças.”  
Wilson Gomes

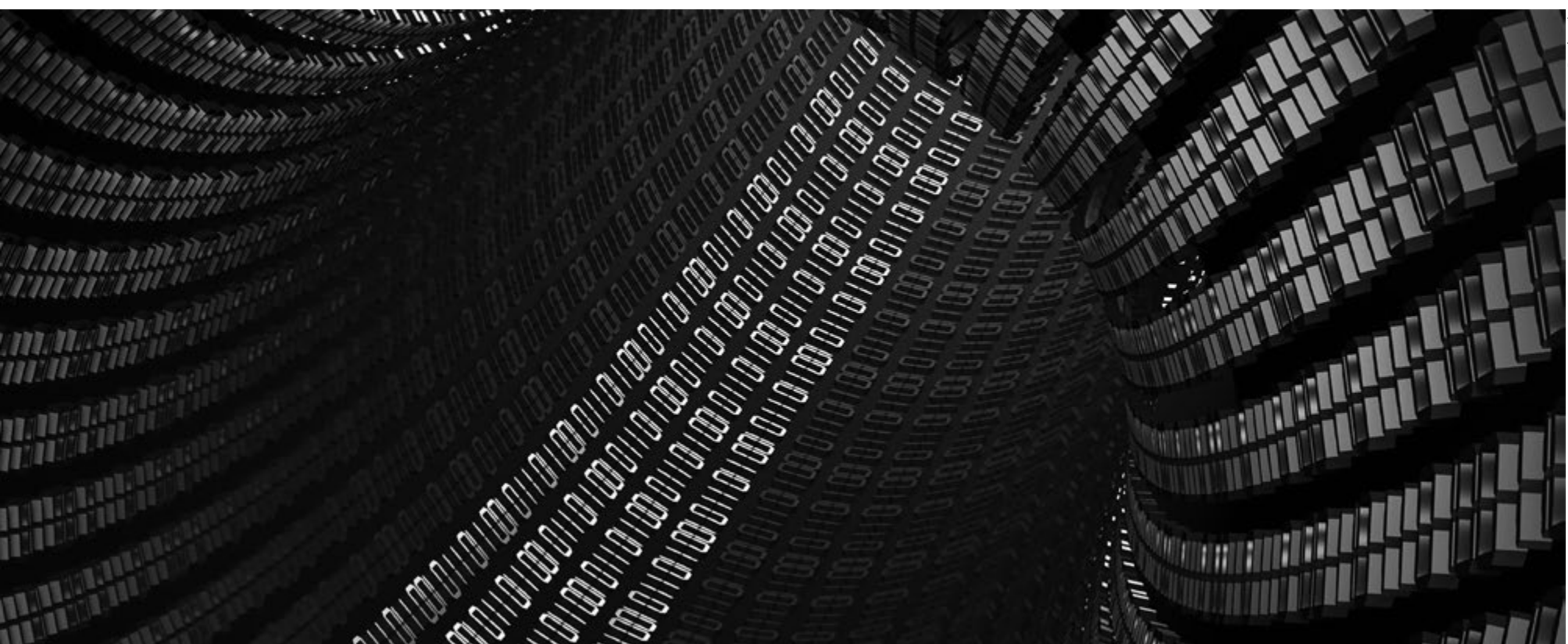
### Primeiro Passo

A possibilidade de implantação e continuação das pesquisas nutre de expectativas os coordenadores dos INCTs da UFBA. O professor Carlos Brites acredita que, mesmo com todos os desafios, o INCToBRA será implementado. “Esse INCT vai crescer. Ajudar em novas descobertas acadêmicas e, principalmente, melhorar a qualidade de vida de pacientes com HIV. Esse é o nosso objetivo”, vislumbra.

Wilson Gomes, coordenador da proposta do INCT-DD, projeta o aproveitamento da estrutura do laboratório utilizado pelo Centro de Estudos Avançados em Democracia Digital (CEADD). “O CEADD tem uma infraestrutura de pesquisa muito boa, que conseguimos através do Edital de Programas de Excelência (PRONEX) da FAPESB/CNPq. As instalações estão novinhas, os equipamentos são de ponta, então não podemos nos queixar neste momento”, diz.

### Em frente

O futuro das pesquisas que serão abrigadas pelos INCTs depende de uma eficiente articulação política com a UFBA. O professor Wilson Gomes reforça o papel da universidade para os institutos. “A lista das dificuldades é imensa e vem de longe. Mas hoje é dia de celebração e de construir novas esperanças de que, pelo menos neste caso e desta vez, os INCTs da UFBA sejam, enfim, abraçados pela instituição”, diz. O professor José Landim acredita que a instituição tem potencial para galgar melhores posições nacionalmente. “A UFBA é uma universidade muito bem colocada no Norte-Nordeste. Temos espaços para a gente avançar, progredir”, avalia. “Observar tantas pesquisas aprovadas na chamada do CNPq é muito positivo. Mostra que a UFBA segue um bom caminho”, conclui Carlos Brites.



Divulgação

# E aqui tem petróleo, é?

Conheça o laboratório da UFBA que eleva pesquisas em extração de petróleo

Foto 1: Colunas de elevação fazem parte do processo de extração de petróleo.

Foto 2: Drones podem realizar o monitoramento de áreas, equipamentos, problemas ambientais e segurança patrimonial e pessoal.

Foto 3: Pesquisadores controlam a atividade das máquinas através de painéis.



Foto 1



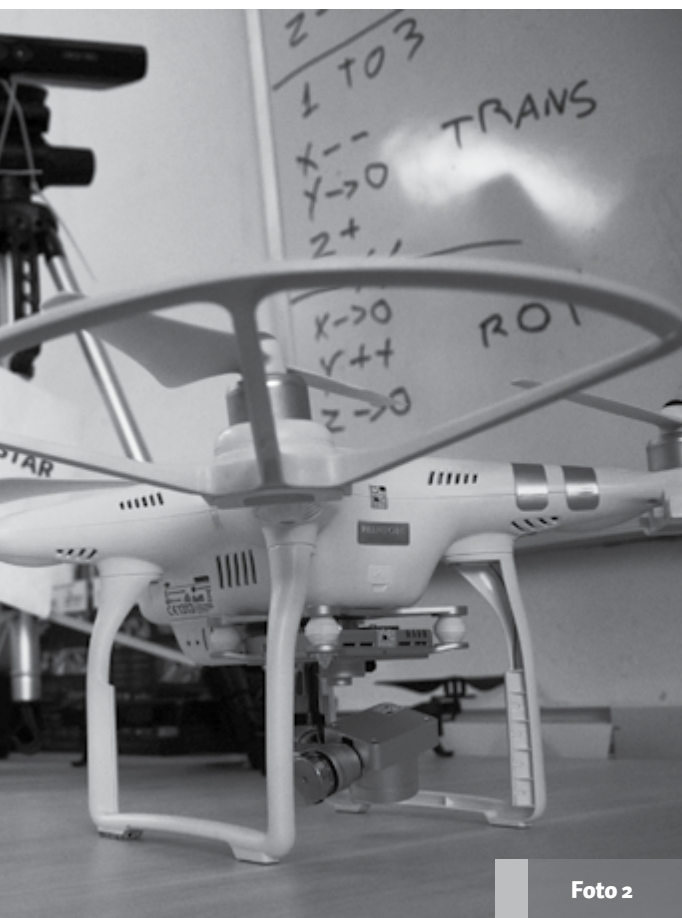
Ana Cely Lopes

Ao meio dia, cerca de 20 pessoas passam, por minuto, pela escadaria circular da Faculdade Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Fernanda Lavigne, aluna do Bacharelado Interdisciplinar (BI) de Ciência e Tecnologia, de 19 anos, é uma delas. Perguntei se ela sabia o que era a estrutura imponente de cerca de 32 metros que atravessa verticalmente a escadaria. “Eu achava que era para sustentação, mas um amigo me falou que não”, respondeu. Olhando superficialmente, vemos três tubos grudados. Mas para que eles servem? E qual sua importância para UFBA?

Contei a Fernanda que a estrutura pertence ao Laboratório de Elevação Artificial (LEA) do Centro de Capacitação Tecnológica em Automação Industrial da UFBA (CTAI), um complexo formado por nove laboratórios dedicados ao estudo, pesquisa, desenvolvimento e execução de projetos de ensino e extensão. Engenharia de controle, de petróleo, mecânica, automação e software são algumas das principais áreas de atuação do Centro, criado em 2004 por uma associação de professores, pesquisadores e técnicos. Fernanda ficou impressionada quando disse que aqueles tubos são, na verdade, colunas que auxiliam a extração de petróleo. Olhando desconfiada, questionou: “E aqui tem petróleo, é?”

Na verdade, não. É que o Centro desenvolve pesquisas aplicadas em diversas áreas, inclusive em petróleo, e, para isso, conta com a parceria de empresas como Petrobras e Rockwell Automation. O professor Leizer Schnitman, de 50 anos, coordenador do CTAI, acredita que o complexo pode oferecer aos alunos de graduação, mestrado e douto-





Cícero Cotrim/Labfoto

Foto 2

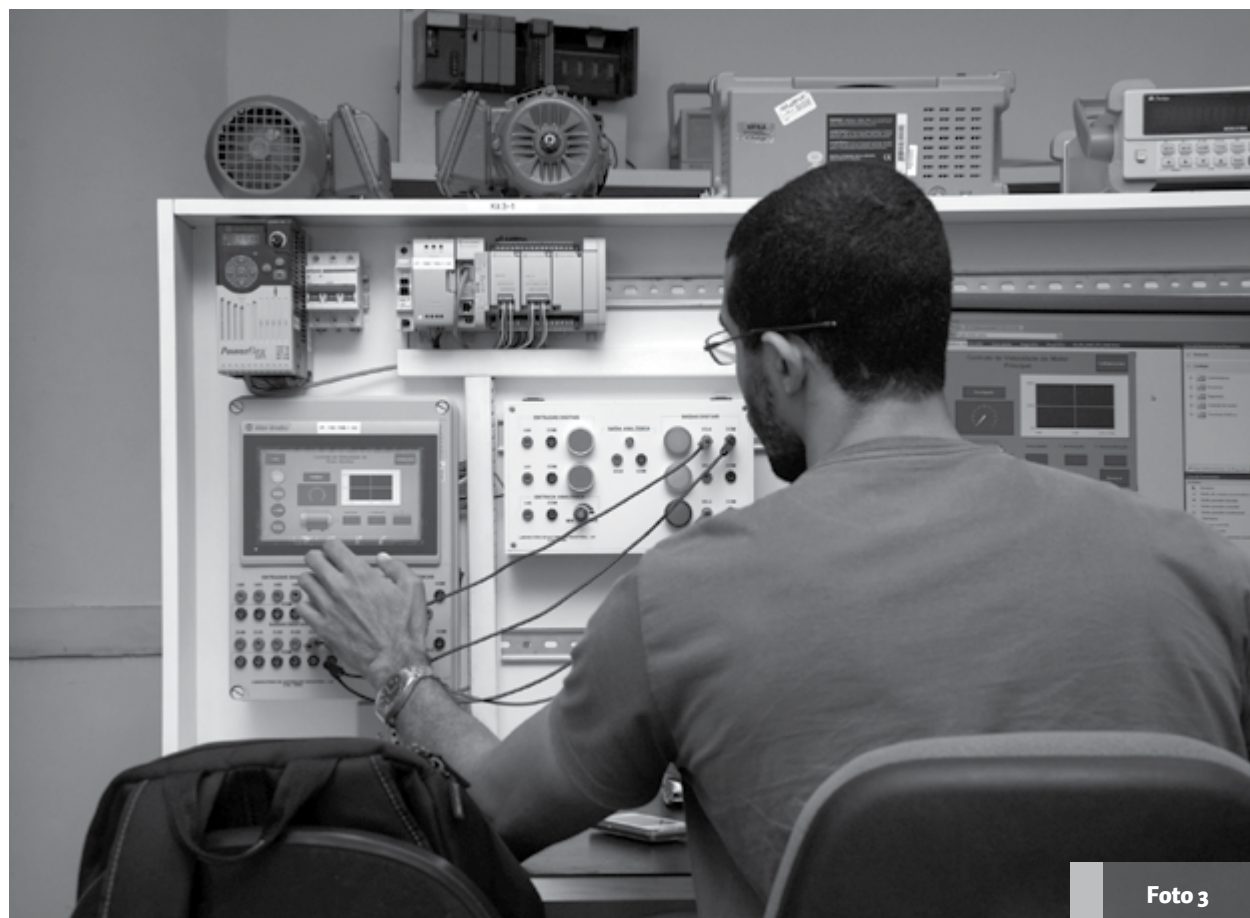
rado uma visão prática do mundo real. “Os alunos normalmente estudam teorias, e aqui no Centro eles têm o contato com as empresas, prazos, demandas e algumas cobranças”, ressalta. Para Leizer é importante que os estudantes vejam a aplicabilidade das teorias e se tornem mais responsáveis.

#### **Pesquisas de Ponta**

O laboratório mais reconhecido do CTAI é o de Elevação Artificial, voltado para pesquisas e técnicas de extração de petróleo. Elevação é o processo de transporte vertical dos líquidos produzidos no fundo de poços de petróleo, feito com auxílio de bombas especiais, através de colunas como as três que atravessam as escadas da Politécnica e afloram a curiosidade de quem passa. Elas são utilizadas para simular a produção de petróleo em escala real e contam com três diferentes tipos de bombeio - mecânico (BM), centrífugo submerso (BCS) e de cavidades progressivas (BCP), este último ainda será instalado.

O que torna a estrutura do LEA notória para UFBA e para o Brasil é o fato de que as colunas de transporte estão instaladas ao longo da extensão da escadaria, possibilitando uma visualização de todo o processo: “É como se a gente estivesse vendo o fundo do poço”, asserta Leizer. Para desenvolver as pesquisas, técnicas de produção e estudos em métodos de elevação, o Laboratório conta com apoio da Petrobras. Segundo o coordenador, o trabalho visa otimizar o consumo energético da empresa, para que os equipamentos operem gastando a menor quantidade de energia possível, sem perder produção.

Uma das pesquisas atuais do Centro é o desenvolvimento de um teste por análise de vibração de



Cícero Cotrim/Labfoto

Foto 3

bombas. Normalmente, sistemas de bombeio são instalados no fundo dos poços, a mais de dois mil metros de profundidade. “Se der defeito, o custo para realizar o conserto é enorme, já que precisa parar uma produção inteira, além de deslocar sondas e navios”, conta Leizer. A pesquisa do CTAI consiste em encontrar problemas no sistema de forma não invasiva, através da vibração e do som: “É como um transformador na rua, você escuta ele fazendo um barulho, vibrando, então tem alguma coisa errada”, explica. A intenção é que o teste seja feito antes de instalar a bomba no mar.

#### **Experiência estudantil e técnica**

Ricardo dos Reis, 35 anos, doutorando do programa de pós graduação em mecatrônica, acredita que o Centro é um local livre para o desenvolvimento de ideias: “O CTAI me dá suporte para realizar o que outros chamariam de loucura”. Ricardo ressalta também a importância da prática. “A maior parte das pessoas que se formam em Computação trabalham com banco de dados e tela. Quem vem para cá vê outro mundo, a lógica por trás da tela – nós de fato processamos os dados”.

Participar de projetos do Centro pode abrir portas no mercado de trabalho. É o que Luís Felipe Rocha, 21 anos, graduando de engenharia mecânica, explica: “Todos os profissionais daqui são reconhecidos nas suas áreas de trabalho. Ter contato com esses professores aumenta minhas chances de conseguir futuramente um estágio”. Para Luís, o CTAI precisa alcançar mais reconhecimento dentro da UFBA por suas pesquisas. “Falta divulgação para os alunos de graduação, mestrado e doutorado, e mais apoio das diretorias e da própria universidade”, conclui.

Flávio Santos, 33 anos, é o único funcionário técnico-laboratorial disponibilizado pela UFBA para a manutenção do Centro. Sua maior dificuldade é manter os materiais e equipamentos organizados estando praticamente sozinho: “Conseguimos colocar estagiários e o pessoal de Iniciação Científica para ajudar, mas são alunos. Eles têm um maior compromisso com o aprendizado. Precisamos de pessoal qualificado para realizar esse trabalho”, afirma. Com mais funcionários, Flávio acredita que ações que visam a preservação e manutenção poderiam ter uma maior eficiência.

#### **Falando em financiamentos**

CAPES, CNPq, Fapesb, Petrobrás, Rockwell Automation, Technische Universität Ilmenau e Instituto Fábrica do Milênio. Esses são os maiores parceiros do Centro de Automação. Normalmente os pesquisadores submetem propostas a editais lançados pelas instituições de fomento e ganham bolsas para a realização dos projetos, mas no caso de empresas privadas e públicas, o Centro é procurado para desenvolver técnicas e estudos com objetivo de melhorar a produtividade e rentabilidade das instituições.

#### **Os outros laboratórios do CTAI:**

- Laboratório de Software;
- Laboratório de Controle;
- Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento;
- Laboratório de Visão Computacional (IvisionLab);
- Laboratório de Desenvolvimento de Sistemas;
- Laboratório de AeroDesign;
- Laboratório de Hidráulica e Pneumática Industrial;
- Laboratório de Usinagem Prototipagem Mecatrônica.

# Meio século de serviços jurídicos gratuitos

## Projeto é considerado maior e mais antiga atividade de extensão da UFBA

Marco Correia/Labfoto

Antes do atendimento, a equipe do SAJU se reúne para discutir as principais questões do dia



### Ítalo Cerqueira e Jonas Lima

O relógio ainda não marcava 14 horas, quando, em uma cadeira na Faculdade de Direito, a promotora de vendas Cleidiane Neves, 31, aguardava atendimento no Serviço de Apoio Jurídico da UFBA (SAJU). O pai de seus filhos exigira na Justiça a guarda das crianças. Após ter passado pela Defensoria Pública da Bahia (DP-BA) e não ter conseguido a defesa que desejava, o Conselho Tutelar a encaminhou ao SAJU. “Procurei o defensor público, mas não pude ser atendida porque meu ex-marido já possuía um defensor público. Aqui, o atendimento é ótimo, eles estão me explicando tudo direito e tomara que dê certo. Vai dar certo”, relata confiante.

Com 53 anos recém completos e aproximadamente 200 voluntários, o SAJU se consolida como o maior e mais antigo projeto de extensão da UFBA. Nasceu em maio de 1963, através do trabalho engajado de estudantes da Faculdade de Direito. Cinco anos depois, com o cancelamento das iniciativas de extensão das universidades federais pelo governo militar, o projeto encerrou suas atividades. Reaberto no fim dos anos 80, o SAJU se consolidou pela defesa de quem não pode pagar por serviços jurídicos.

“A história do SAJU se confunde com a história de luta pela democracia recente. É muito importante

termos a consciência do porquê existe o SAJU, principalmente nesse momento em que a democracia está fragilizada no Brasil. As pessoas precisam despertar este interesse, até para saber que este é um projeto a serviço delas”, conta a estudante de Direito e voluntária do SAJU, Francisca de Oliveira, 34.

Atualmente em pleno funcionamento, o projeto possui um modelo de autogestão promovido pelos próprios estudantes de forma horizontalizada, ou seja, não há hierarquia organizacional, tudo é decidido em conjunto. Suas principais missões são garantir o acesso da população ao Judiciário, promover vivência jurídica aos estudantes e buscar um exercício do Direito mais acessível, através da assistência jurídica para quem precisa e não pode pagar por ela.

Para o professor Carlos Freitas, atual coordenador do SAJU, o projeto se destaca pela autonomia e autogestão dos estudantes. “O SAJU é longo porque é dos estudantes e ele é dos estudantes porque é longo. Nos anos 80, a diretoria do SAJU era eleita com o movimento estudantil mas, alguns anos depois, se transformou em projeto de extensão”, lembra.

### Atendimento pessoal

O SAJU é dividido em dois núcleos: o Núcleo de Assistência e o Núcleo de Assessoria. O Núcleo de Assistência é responsável por realizar o atendimento individualizado, prestando serviços jurídicos à popu-

lação exclusivamente na área do direito civil - como causas do consumidor, familiares e previdenciárias.

Devido a um processo de partilha de bens, o motorista Rudson Pirajá, 67, tem sido atendido pelo SAJU desde 2013. Ele alega que buscou os serviços jurídicos do projeto por não ter condições financeiras de contratar um advogado. “Vim no SAJU por ser um departamento da Universidade, onde faz um trabalho de aula prática com os alunos. Como muita gente já ganhou causas por aqui e eu não tenho dinheiro para pagar, vim diretamente”, conta Pirajá.

Por outro lado, o segurança Josafá Damasceno, 51, se queixa da demora em solucionar seu processo. Há dois anos, sua moto foi danificada por uma pessoa e até então ele não recebeu indenização. “O meu problema está sendo resolvido de uma maneira lenta. O processo está parado desde 2014 e ainda não foi definido”, reclama.

Reis defende que a demora dos processos não se deve ao SAJU, mas aos entraves da própria Justiça. “O trabalho intelectual e técnico é feito pelos estudantes com auxílio dos advogados-monitores no tempo adequado para realização. Obviamente, a gente tem alguns entraves de celeridade da Justiça”.

O advogado Bruno Melo, 30, trabalha como monitor há dois anos e meio no SAJU. “Quando você recebe um processo, você trabalha com sua equipe durante a semana”, - explica. “O monitor é encarregado de ensinar a sua equipe o que fazer e orientar quanto aos documentos que devem pegar. Depois, damos fim à causa, ajuizando a ação, correspondendo, contestando ou recorrendo”, detalha sobre o trabalho do monitor.

### Educação Jurídica Popular

O Núcleo de Assessoria trabalha com demandas coletivas, com o foco na educação jurídica popular, através de parcerias com movimentos sociais, associações e demais organizações. Seu surgimento se deu no início da década de 90 e serviu de base para outras instituições de ensino superior criarem núcleos similares. Dentre os parceiros destacam-se: Movimento Sem Teto da Bahia (MSTB), Centro de Estudo e Ação Social (CEAS) e Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais no Estado da Bahia (AATR).

“A gente acompanha eles [o MSTB] há mais de dez anos e aprendemos muito; são eles próprios que fazem as demandas e constroem as atividades” exemplifica Dominique Jesus, 26, estudante de Direito. Desde 2006, o CEAS é parceira do SAJU em um trabalho de assessoramento ao MSTB. “O trabalho do SAJU com assessoria e educação jurídica popular no contexto de conflitos fundiários possibilita avanços na defesa dos direitos básicos para os setores populares, ao mesmo tempo em que contribui para o processo de empoderamento e qualificação técnico-política dos sujeitos que lutam por estes direitos”, diz a assessora Thaianna Valverde, 29.



O CEAS trabalha pela superação da miséria e exclusão social na região Nordeste, através de ações que garantam o acesso à terra para produção ou moradia. Thaianna afirma que “o Judiciário é uma instituição historicamente conservadora ligada à lógica patrimonialista”. “Até hoje suas decisões são marcadas pela lógica da troca de favores e de influências. Das faculdades de Direito às instituições do sistema de justiça, o traço principal é o conservadorismo”, opina.

### Importância e dificuldades

“Lembro que ganhei uma causa com o advogado de uma pessoa que teve seu nome negativado de forma injusta. Então, pedimos que tirássemos o seu nome do SPC/SERASA e entramos com uma ação de danos morais. Conseguimos!”. Esse relato é da ex-integrante do SAJU, Nathalia Lutterbach, 20, que conta feliz um caso que ela pode defender e vencer.

Histórias como a de Nathalia são recorrentes entre os estudantes voluntários, já que o SAJU propicia um ambiente de oportunidade ao exercício da prática jurídica. “Além de ajudar o outro, é uma forma também de pôr em prática o que aprendi na sala de aula, conhecer um pouco mais o universo jurídico e conviver com profissionais da área”, resalta a estudante que quer seguir a carreira na assessoria jurídica popular.

Em vários anos de história, o SAJU ganhou prestígio não somente na UFBA, como também em toda a comunidade. “O serviço transpõe os muros da tradicional Faculdade de Direito e promove um diálogo da universidade com a realidade social, o que, na maioria das vezes, é esquecido nas salas de aula”, destaca Thaianna.

Por muito tempo, o projeto funcionou no porão da Faculdade de Direito em condições desfavoráveis para o exercício de suas funções. Após as comemorações de seu cinquentenário, a Faculdade cedeu o espaço para as atuais instalações. Agora com sala própria, arquivos e ar-condicionado, o ambiente está mais confortável para o atendimento ao público, porém isso ainda não é o suficiente.

Melo aponta que o SAJU necessita de maior financiamento por parte da universidade. Ele acredita que se isso acontecesse, seria possível ampliar as áreas do Direito atendidas pelo SAJU, como também atender causas coletivas. “Nós conseguiríamos atender demandas penais e trabalhistas, porque não temos condições materiais de fazer. Também conseguiríamos alcançar tutelas coletivas, que seria de uma abrangência maior a toda a sociedade”, vislumbra.

Além disso, a alta rotatividade de estudantes provoca discontinuidades dentro da rotina do projeto pois quando conseguem um estágio remunerado os estudantes desligam-se do projeto. Entretanto, apesar de todos os problemas, estudantes e advogados continuam voluntariamente o legado de mais de meio século de um projeto pensado para garantir o acesso da população ao Judiciário.



Atual sede do SAJU foi entregue durante as comemorações do cinquentenário do projeto

## Serviço de Apoio Jurídico da UFBA - SAJU

**Faculdade de Direito da UFBA**

**Telefone:** (71) 3283 - 9050

**E-mail:** sajubahia@gmail.com

**Endereço:**

Rua da Paz, S/N - Graça  
Salvador/Ba |

**Horário de Funcionamento:**

**Segunda-feira:** das 14 às 17h;

**Terça-feira:** das 14h às 17h e das 18:30 às 20:30h

**Quarta-feira:** das 14h às 17h e das 18h30 às 20h30

**Quinta-feira:** das 18h30 às 20h30

**Sexta-feira:** das 14h às 17h

# Políticas Afirmativas



## Principal objetivo é criar oportunidades para combater injustiças sociais históricas

Saville Alves e Yananda Lima

Uma universidade para todos, formada e formadora de gente de todos os tipos, traços, cores, gênero, orientação sexual e realidades sócio-econômicas. É isso que propõe a Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE) da Universidade Federal da Bahia. Criada em 2006, nasceu para dar mais consistência às políticas voltadas aos estudantes que até então eram geridas pela Superintendência Estudantil a partir do Programa de Ações Afirmativas, implantado dois anos antes, quando a UFBA iniciou a inserção de parte de seus alunos pelo sistema de cotas.

Com o intuito de otimizar as ações afirmativas garantindo a entrada e permanência de estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade social a PROAE atua em duas frentes, para assegurar a permanência de minorias na Universidade e contribuir para a construção de um ambiente acadêmico democrático no qual as diferenças socioculturais não resultem em desigualdade de oportunidades.

Sem desconhecer a necessidade de melhorar ainda mais, a Pró-Reitoria de Ações e Assistência Estudantil considera ter alcançado algumas conquistas institucionais importantes. O novo Estatuto da UFBA já integra como objetivos da universidade três pontos defendidos pela PROAE, sendo eles a promoção da equidade para superação das desigualdades, fomento a paz através da cooperação e a abertura para participação popular, incluindo a interação com outras instituições.

### Conquistas

O número de alunos ingressos a partir do sistema de cotas é bastante expressivo. Até 2014, mais de 46 mil estudantes tiveram acesso à Universidade Federal da Bahia por meio da política de cotas que rege há 12 anos a instituição. A antiga política local iniciada em 2004 permitia que 43% das vagas de seus cursos fossem destinadas aos candidatos que cursassem três anos do ensino médio e mais um ano do ensino fundamental em escola pública, tendo diferenciação em relação à condição étnico-racial do estudante.

Com a Lei Federal N° 12.711 sancionada em 2012, as vagas para cotistas passaram a ser de 50%, sendo levados em consideração não apenas o histórico escolar e etnia do candidato, mas também a renda per capita da sua família. “A política de cotas é importante ao possibilitar a inserção de todas as pessoas dentro da universidade pública”, aponta Gustavo Pereira, 6º semestre do curso de geografia na UFBA, que ingressou na instituição através da política de cotas.

Além das ações afirmativas que possibilitam o ingresso de estudantes à universidade, a Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil também desenvolve projetos de auxílio estudantil. Com inscrições abertas no início de cada semestre, as frentes de ação são baseadas na Política Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), elaborada pelo MEC. “Serão desenvolvidas ações relativas à moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico e acesso, participação e aprendi-

zagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação”, indica a Pnaes.

### Permanecer

Desenvolvido pela Coordenadoria de Ações Afirmativas, Educação e Cidadania da PROAE, o programa Permanecer tem como objetivo assegurar a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade sócio-econômica na Universidade, devido a maior probabilidade de interrupção da graduação destes por contextos desfavoráveis que interferem em seu desempenho acadêmico estudantil. Com recursos provenientes do Ministério da Educação, o programa desenvolve projetos com os estudantes em áreas de pesquisa e extensão e atividades docentes e institucionais voltadas a formação do universitário.

A PROAE desenvolve ações em nove eixos temáticos: moradia estudantil; alimentação; permanência acadêmica; atenção à saúde; ações culturais de integração; esporte e lazer; apoio social e acadêmico; serviço de creche; e inclusão digital. As ações afirmativas e programas de assistência estudantil são essenciais para a manutenção de uma universidade democrática e diversa. “As ações afirmativas são importantes para se ter uma democratização do ensino superior. Por mais que ainda existam algumas fragilidades, são programas essenciais que sempre devem ser aprimorados”, conclui Gabriel Victor, estudante do 2º semestre de Arquitetura e Urbanismo na UFBA, beneficiado pelo auxílio residência e alimentação e bolsista do programa Permanecer.

Para acesso aos editais e procedimentos necessários ao requerimento dos auxílios, os alunos interessados devem acessar o site [www.proae.ufba.br](http://www.proae.ufba.br).



# Termômetro docente

## Universidade tem poucos dados sobre saúde dos professores

Cleane Lima e Bárbara Gomes

O aumento das atividades dos professores universitários nos últimos anos tem gerado um acúmulo de funções que afetam a saúde. Contudo, faltam dados sobre o estado de saúde da categoria. Estudo do Instituto de Saúde Coletiva (ISC), realizado na Universidade Federal da Bahia em 2003, informa que um a cada cinco professores apresentaram transtornos psíquicos relacionados à sobrecarga de trabalho. O desgaste mental, dor de garganta, dores nas pernas, dores nas costas, nervosismo e rouquidão estão entre as maiores queixas dos professores. A pesquisa do ISC intitulada “Processo de desgaste na saúde do professores” investigou um universo de 257 (14%) dos 1.728 professores lotados - na época - nas 29 unidades da UFBA. Após 13 anos - e um crescimento de 32% dos cargos docentes - estes são os únicos dados disponíveis.

Além dos problemas de saúde enfrentados, ainda há poucos dados que quantifiquem e analisem a saúde docente da instituição federal. Pesquisadora do ISC, Tânia Maria Araújo destacou que a condição de saúde dos professores e professoras tem sido negligenciada pela própria academia. “Há poucos investigadores em saúde docente, pouca informação e o debate sobre o tema ainda não é uma prática recorrente”.

A pesquisadora em Saúde do Trabalhador do ISC, Vilma Santana, também tem encontrado dificuldade para divulgar informações sobre a saúde dos servidores da UFBA. O seu grupo de pesquisa apresenta há seis anos ao Ministério do Planejamento uma proposta de publicar um boletim infor-

mativo de saúde dos servidores no portal de Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (Siass). “O trabalhador tem direito a um ambiente de trabalho seguro e de ter acesso à informação sobre segurança e saúde. Todos os anos enviamos ao ministério a proposta do boletim informativo, mas isso tem sido negado”, lamentou.

A expectativa das pesquisadoras é que as questões relacionadas à saúde dos docentes possam ter lugar na luta sindical. A vice-presidente do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia (APUB), Lígia Angeli, disse que a demanda sobre esse assunto ainda não tem chegado como queixa. “Nós reivindicamos melhorias nas condições de trabalho e por mais fiscalização quanto aos locais insalubres, mas já começamos a sentir a necessidade de fazer algumas discussões específicas”, explicou.

### Assistência Médica da UFBA

Os docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes da universidade podem contar com o Serviço Médico Universitário Rubens Brasil (SMURB) - órgão pericial e de saúde ocupacional. Também disponibiliza atendimento especializado na área de psicologia, psiquiatria, ortodontia, fisioterapia, terapia ocupacional, cardiologia, endocrinologia, clínica médica, serviço social endocrinologia, fisioterapia, ginecologia, oftalmologia, ortopedia, pediatria e engenharia de segurança.

Por não estar completamente informatizado, o sistema ainda não é capaz de produzir estatísticas sobre atendimentos. A vice-diretora do SMURB,

Ana Marta Nascimento, pontuou que há mudanças programadas para o sistema. “Os dados de servidores e estudantes atendidos no serviço médico serão informatizados para que possamos ter um ideia apurada da situação de saúde de cada categoria e com isso realizarmos um plano de ação específico”, explicou.

A coordenadora de Políticas Sociais e Antirracistas da Sindicato dos Trabalhadores em Educação das Universidades Públicas Federais da Bahia (ASSUFBA), Eliete Gonçalves, destacou que apesar da sobrecarga de atribuições do SMURB, o serviço tem melhorado. “Não chegou ao ideal, mas beneficia toda a comunidade universitária e a mais de dois mil servidores aposentados”, avaliou.

Para Euler Moraes, coordenador de Saúde do Trabalhador da ASSUFBA, “com dificuldades, o SMURB é a única instância que atende aos problemas de saúde dos técnicos e professores, porém, ainda não há fiscalização quanto às condições de trabalho”, considerou.

Os líderes sindicais da área da educação acreditam que o adoecimento docente pode ser evitado a partir da atenção atribuída às condições de trabalho: respeito à carga horária, avaliação dos riscos enfrentados nos locais de atuação, pagamento de insalubridade sempre que necessário e manutenção das estruturas físicas da universidade. Ainda, é urgente avaliar e divulgar o estado físico e psicológico dos docentes para então reivindicar atenção especial para a categoria.

### Serviço Médico Universitário Rubens Brasil

Horário de funcionamento: de segunda à sexta-feira, das 07h30h às 18h30h. Marcações: tel. 3247-1023/3247-1533 ou de forma presencial no prédio do Ambulatório Magalhães Neto, localizado na Rua Padre Feijó, 240, no 4º andar.

Cansaço mental está entre as principais queixas dos professores



Gabrielle Guido/Labfoto

# Universidade mãe

## Como a Bahia ganhou 13 campi no interior em 11 anos

Júlia Vigné e Maria Landeiro

**A** Universidade era da Bahia, mas só tinha acesso quem morava em Salvador. Durante anos essa foi a realidade da UFBA, que não tinha presença no estado, restringindo seus alunos a soteropolitanos e a um pequeno grupo de migrantes de cidades do interior.

Com a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), em 2001, a interiorização começa a fazer parte da realidade das universidades federais brasileiras. Entre 2003 e 2006, a UFBA inicia o processo de expansão para o interior, tendo como primeira medida a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), a partir do desmembramento da Escola de Agronomia, em Cruz das Almas. Neste mesmo período ocorreu a aprovação do projeto de lei para a criação do campus de Vitória da Conquista e a implantação de uma unidade da UFBA em Barreiras.

Na fase de expansão e reestruturação (2007-2012), houve um aumento na oferta de cursos noturnos, atingindo o número de 22.285 vagas. Além disso, com a consolidação dos campi já criados, o número de vagas cresceu 67% entre 2002 e 2009.

No final do ano passado, foi aprovada a criação do campus de Camaçari, que tem previsão de inauguração para 2017. Além do campus de Camaçari, há um projeto de criação de mais uma unidade em Lençóis, Chapada Diamantina.

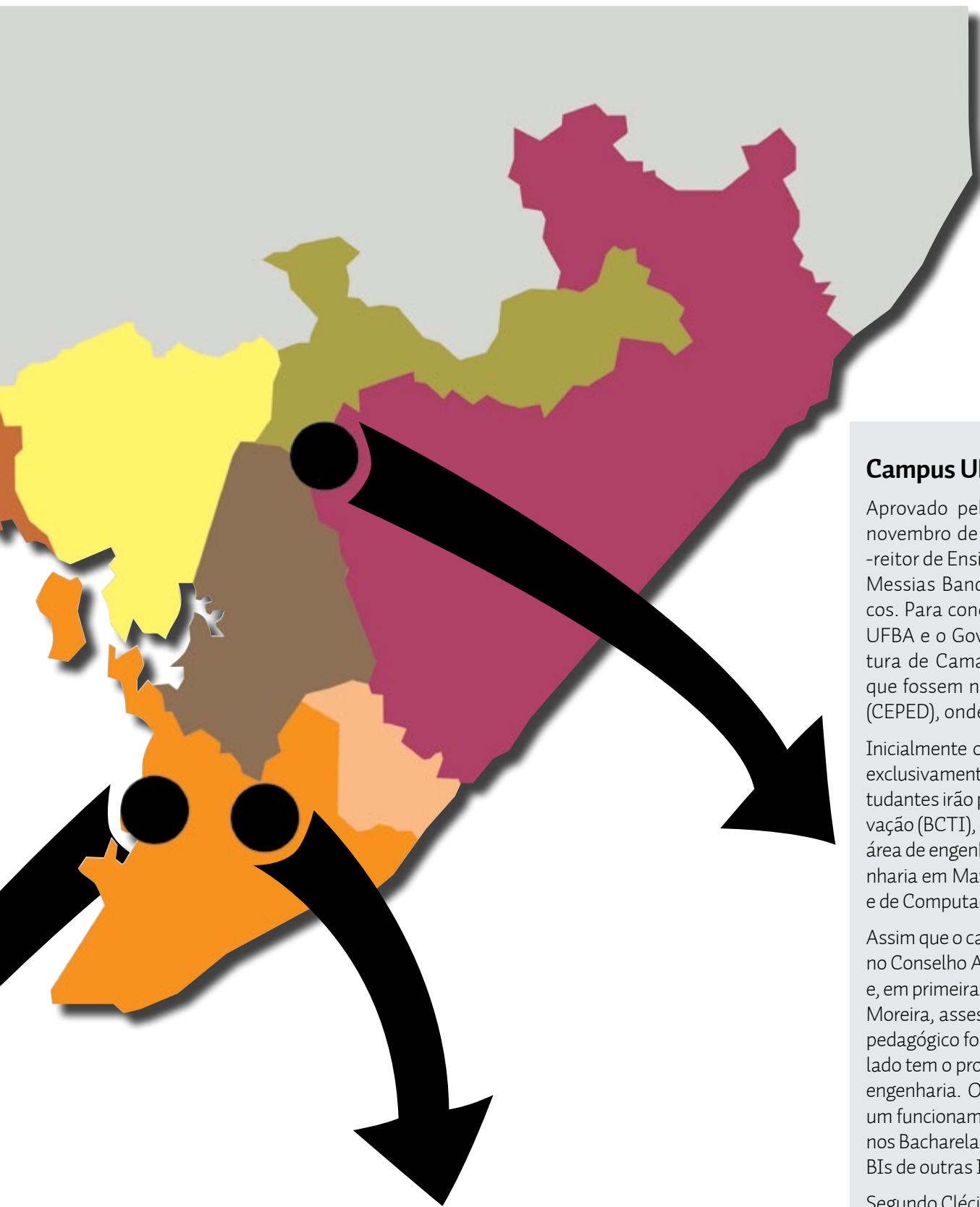
Aos 70 anos, a Universidade Federal da Bahia se mostrou uma incubadeira de universidades federais ao redor do estado: instalou campi em quatro cidades do interior, que se converteram em universidades com presença em 13 cidades ao redor da Bahia.



### Campus UFBA Subúrbio Ferroviário

O subúrbio ferroviário de Salvador abrange 22 bairros, onde 24,55% da população soteropolitana mora. A “Suburbana”, como popularmente é conhecida, concentra parcela significativa das comunidades populares da cidade que convivem com diversos percalços diários, como falta de emprego, violência e pobreza. Frente a isso, está a vasta cultura popular do local. O deputado federal Valmir Assunção (PT-BA) submeteu o Projeto de Lei nº 872 de 2015 à Câmara dos Deputados, onde requeria a criação de um campus no subúrbio. A Câmara, por sua vez, aprovou a proposta, afirmando que ele representará a expansão universitária rumo à população mais carente. “Estimulará o desenvolvimento socioeconômico da região e contribuirá para a melhoria dos índices de desenvolvimento humano”, afirmou o relator, deputado Daniel Almeida (PCdoB-BA). Desta forma, o Poder Executivo foi autorizado a criar um campus da UFBA no Subúrbio Ferroviário de Salvador.





### **Campus UFBA Carlos Marighella, Camaçari**

Aprovado pelo Conselho Universitário da UFBA (CONSUNI) em novembro de 2015, o projeto do campus foi apresentado pelo pró-reitor de Ensino de Graduação, Penildon Silva Filho, e pelo professor Messias Bandeira, presidente da Comissão de Assuntos Acadêmicos. Para concretizar a empreitada, um acordo foi realizado entre a UFBA e o Governo Federal, que cedeu a sede do campus. A Prefeitura de Camaçari ficou responsável pelas obras de infraestrutura que fossem necessárias no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CEPED), onde será instalada a unidade.

Inicialmente os projetos pedagógicos dos cursos serão desenvolvidos exclusivamente com engenharias, em duas etapas. Na primeira, os estudantes irão passar por um Bacharelado em Ciência, Tecnologia e Inovação (BCTI), e na segunda, vão escolher uma especialização dentro da área de engenharia. O planejamento prevê a oferta dos cursos de engenharia em Materiais, Automotiva, de Controle e Automação Industrial e de Computação.

Assim que o campus estiver pronto e o projeto pedagógico for aprovado no Conselho Acadêmico de Ensino, serão oferecidas 400 vagas por ano e, em primeira instância, apenas o BCTI irá funcionar. Segundo Augusto Moreira, assessor da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), o projeto pedagógico foi finalizado no começo de maio deste ano. Esse Bacharelado tem o propósito de ser o primeiro ciclo da formação para cursos de engenharia. Os cursos do segundo ciclo serão instituídos depois e terão um funcionamento diferente: serão aceitos alunos graduados no BCTI, nos Bacharelados Interdisciplinares (BIs) da UFBA e alunos egressos de BIs de outras Instituições de Ensino Superior.

Segundo Clécio Cardozo, representante estudantil indicado pelo Reitor para compor a comissão de elaboração do projeto pedagógico, há ainda muitos passos para que a unidade de Camaçari se torne realidade. “Devem ser elaborados os projetos pedagógicos, a seleção de estudantes e o concurso de professores. O campus até o momento existe, sobretudo, no papel”, afirma ele. A previsão de finalização do campus é para 2017. Para Augusto Moreira, o Campus de Camaçari assume um papel de extrema importância para reparar o processo de industrialização da região, que aconteceu desacoplado da universidade. “O Campus terá o papel de gerar conhecimento e formar recursos humanos para um setor de extrema importância para a economia do Estado da Bahia e para o Brasil”, opina.

### **Campus UFBA Cajazeiras**

Cajazeiras é um dos maiores aglomerados urbanos do Brasil, com cerca de 600 mil pessoas vivendo no local. O bairro abrange as localidades de Cajazeiras 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11, Fazenda Grande 1, 2, 3 e 4, Águas Claras, Boca da Mata e Palestina. No dia 10 de fevereiro de 2015, o deputado Valmir Assunção (PT-BA) apresentou o Projeto de Lei nº 289 que busca a criação de mais um campus da UFBA, mais especificamente em Cajazeiras. Para Assunção, a criação do campus iria gerar conhecimento, emprego e renda, além de promover a inclusão social da comunidade. O Projeto de Lei foi rejeitado no dia 18 de maio de 2016 e foi indicado ao Poder Executivo, para que o Ministério da Educação continue com o processo. Lorena Pacheco, coordenadora-geral do DCE afirma que uma das pautas defendidas pelos estudantes da UFBA hoje é um campus da UFBA no Subúrbio e um em Cajazeiras. “É sabido que a universidade se popularizou, e é chegada a hora da universidade ir até o povo, bebendo do conhecimento popular”, diz.

# Bahia

## Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB

Derivada do Campus Professor Edgar Santos da UFBA, em Barreiras, a Universidade Federal do Oeste da Bahia nasceu em 2013, a partir da sanção da Lei nº 12.825. A implementação do campus em Barreiras, que seria o Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS), foi aprovada em 2005, pelo CONSUNI. O campus oferecia cerca de 11 cursos, sendo eles em sua maioria das áreas de exatas e ciências naturais.

Dois anos depois, a proposta de desmembramento do campus para se tornar a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), foi aprovada pela Congregação do ICADS por unanimidade. O desmembramento visava contribuir com o desenvolvimento econômico e oferecer oportunidades aos moradores da região. “Historicamente a população do oeste da Bahia é esquecida. Todos os recursos são voltados para a capital e Recôncavo. Com o desmembramento, acredito que ousamos e estamos indo cada vez mais longe, conseguindo mais campi e mais recursos” afirma Lorrany Cardoso, estudante do Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades da UFOB. Lorrany, que ingressou na universidade ainda quando ela era integrada à UFBA e acompanhou o processo de transição para UFOB, percebe a diferença que uma universidade traz para a cidade. “Aumenta o acesso à educação superior para muitos, visto que antes só tínhamos duas faculdades particulares e a UNEB. Há também uma forte expansão urbana e especulação imobiliária em torno da universidade”, explica.

Em três anos, a UFOB se expandiu para as cidades de Barreiras, Bom Jesus da Lapa, Barra, Santa Maria da Vitória e Luís Eduardo Magalhães, e conta com 23 cursos entre graduação e bacharelado interdisciplinar. No final de 2015, a universidade acrescentou mais 40 vagas ao curso de Medicina que, no Sistema de Seleção Unificada (SISU) deste ano, teve a nota de corte mais alta do Brasil, exigindo do candidato uma média mínima de 888,35 no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).



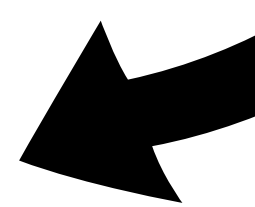
## Universidade Federal do Sudoeste da Bahia - UFSB

O Instituto Multidisciplinar em Saúde, Campus Anísio Teixeira (IMS/CAT), foi aprovado em 18 de julho de 2005 pelo Conselho Universitário da UFBA (CONSUNI). Após a regulamentação do Ministério da Educação, as atividades acadêmicas iniciaram em 23 de outubro de 2006 com o funcionamento de três cursos de graduação na área da saúde - Enfermagem, Nutrição e Farmácia.

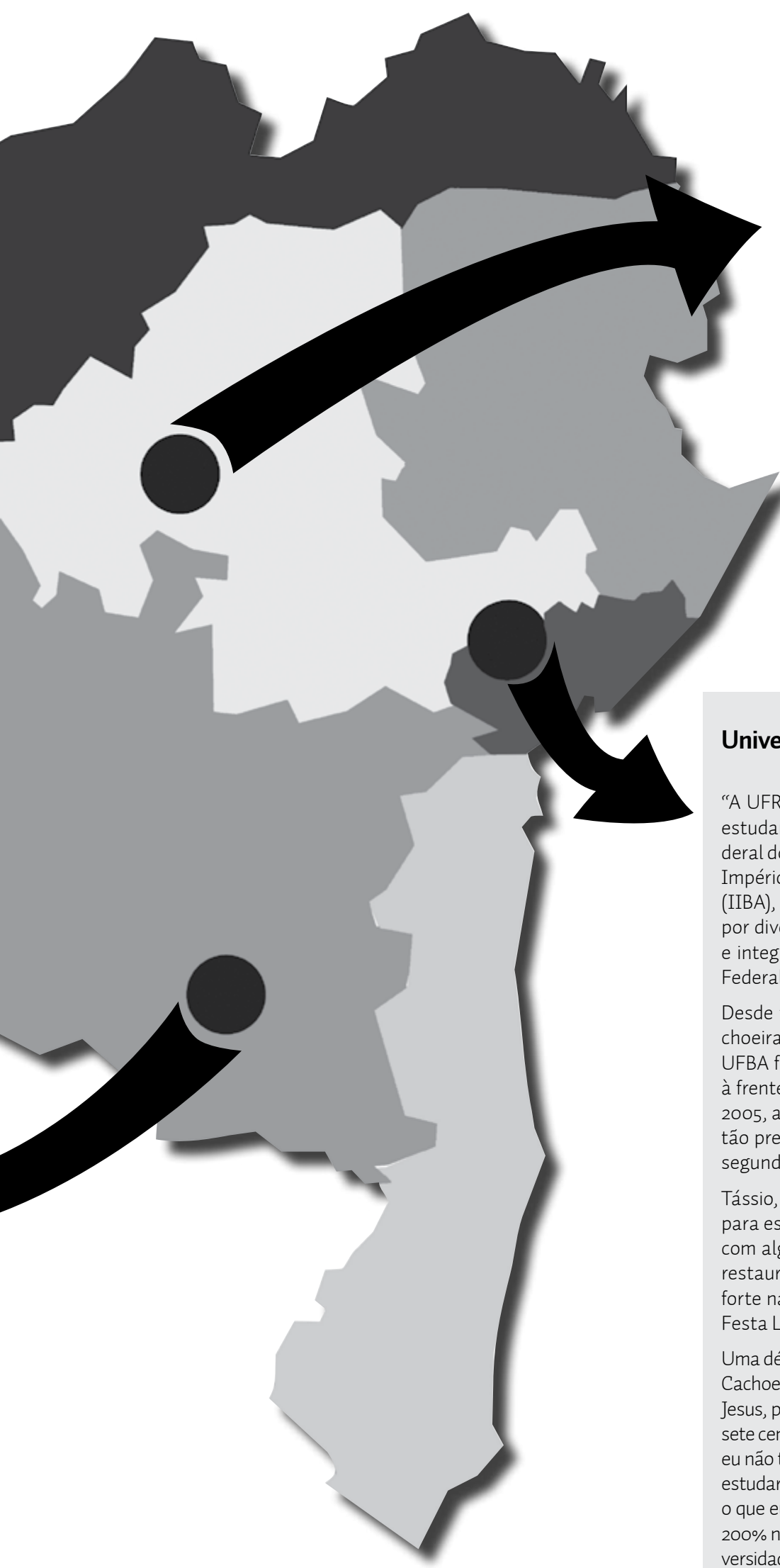
A unidade surgiu, sobretudo, com o intuito de ser um polo de formação e capacitação de profissionais capazes de desenvolver tecnologias e soluções para o atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) da região. Atualmente no campus funcionam sete cursos de graduação: Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Psicologia, Medicina, Biotecnologia e Ciências Biológicas.

Em 2011, a criação da Universidade Federal do Sudoeste da Bahia foi iniciada através do desmembramento do Campus Anísio Teixeira da UFBA. O processo foi submetido à Congregação do campus e em 2012 foi aprovado no Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UFBA. Em fevereiro de 2014, após passar pelo CONSEPE, o desmembramento foi aprovado pelo CONSUNI. Como na criação das demais instituições federais da Bahia, o desmembramento conta com a tutela da UFBA e o seu decisivo apoio. O processo agora espera a sanção do MEC e da Casa Civil da Presidência da República para ser efetivado.

Para Bruno França, estudante de Ciências Biológicas de Vitória da Conquista, o desmembramento do campus é positivo. O fato dele ficar a 582 quilômetros de Salvador acaba dificultando a comunicação entre a unidade e a sede. “Nossa maior dificuldade de estudar em Vitória da Conquista está relacionada com a distância em relação à central em Salvador. Mesmo com alguns avanços na desburocratização, ainda temos um grande impasse na interlocução e comunicação entre a central e o campus”, afirmou o estudante, otimista em relação à autonomia da unidade.







### Universidade Federal da Chapada Diamantina - UFCD

O projeto para a criação de uma universidade federal na Chapada Diamantina foi apresentado na Câmara em 2012, através do Projeto de Lei nº 4.094. A Chapada já abrigava atividades de pesquisa e extensão da Universidade Federal da Bahia nas áreas de arqueologia, biologia e artes. O Projeto de Lei foi aprovado pela Câmara dos Deputados em 2013, após ter passado pelas comissões de Educação e Cultura; Finanças e Tributação e Constituição e Justiça e de Cidadania. Em abril de 2013, a Câmara autorizou o Poder Executivo a criar a UFCD, que haveria sede e foro nas cidades de Seabra, Lençóis, Ipirá, Rio de Contas e Morro do Chapéu. O projeto foi encaminhado para o Ministério da Educação e espera sanção.

### Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB

“A UFRB representa um divisor de águas na minha vida”, é assim que o estudante de jornalismo, Tássio Santos, 24, descreve a Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Com antecedentes que remontam à época do Império, a UFRB tem como avô o Imperial Instituto Baiano de Agricultura (IIBA), inaugurado por D. Pedro I em 1859. De lá para cá, o IIBA passou por diversas mudanças até chegar, em 1943, à cidade de Cruz das Almas e integrar a UFBA em 1968 como Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (Agroufba).

Desde 1990, lutava-se pela criação de uma universidade federal em Cachoeira, mas foi apenas em 1993 que o projeto começou a se estruturar. A UFBA foi propulsora do projeto, através do Reitor Naomar Almeida, hoje à frente da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Em julho de 2005, a Lei nº 11.151, que previa a criação da UFRB, foi sancionada pelo então presidente Lula. Após quase 60 anos de existência da UFBA, surge a segunda universidade federal em solo baiano.

Tássio, que nasceu em Santo Estevão, conta que, ao chegar em Cachoeira para estudar, pôde notar o crescimento econômico da região. “Conversei com alguns moradores que observaram o aumento no número de bares, restaurantes e mercado imobiliário. O movimento cultural, que sempre foi forte na parte religiosa, se tornou mais abrangente com eventos como a Festa Literária de Cachoeira (Flica) e o Festival de Jazz”

Uma década após o seu nascimento, a UFRB conta com campi em Amargosa, Cachoeira, Cruz das Almas, Feira de Santana, Santo Amaro e Santo Antônio de Jesus, pelos quais circulam cerca de 10.800 estudantes. A universidade possui sete centros de ensino, 40 cursos de graduação e 20 de pós-graduação. “Antes eu não tinha perspectiva de continuar no interior, perto de minha família, para estudar. Minhas oportunidades se resumiam em ir pra alguma capital estudar o que eu queria”, relata Tássio. Segundo o REUNI, a UFRB já cresceu mais de 200% nesses dez anos e conta com o grande marco de ter sido a primeira universidade brasileira a ter uma Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas.

# Referências Bibliográficas

## Políticas bibliográficas da UFBA apontam a trajetória dos livros na universidade

Carla Letícia e Raí Guerra

**D**efinido em dicionário como um conjunto de folhas ou de cadernos, manuscritos ou impressos, os livros sofreram modificações quando entraram na esfera virtual. Os exemplares digitais estão conquistando cada vez mais espaço na academia e também na vida cotidiana. Na Universidade Federal da Bahia, eles integram um grande siste-

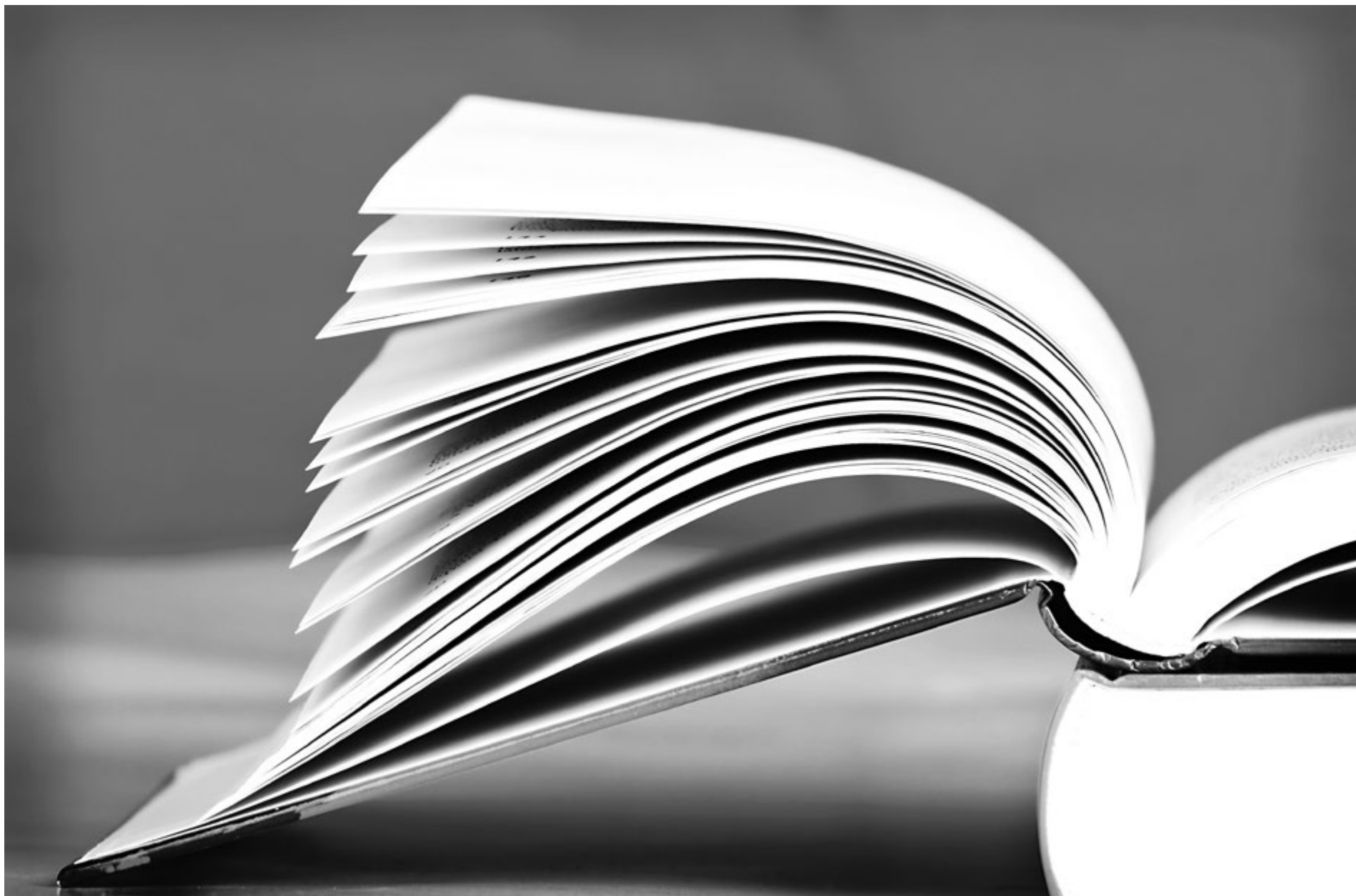
ma de leitura e documentação que faz parte da história da universidade. Cabe aos professores e colegiados, sob comando do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), decidirem os principais livros para cada curso. “O INEP indica a bibliografia básica e complementar para o curso de graduação e os professores, a par disso, normalmente indicam outros tipos de bibliografia, não esquecendo que a prioridade é a compra dos livros que foram determinados

para o curso”, explica a superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA (SIBI/UFBA), Lidia Brandão.

### Sistema de Bibliotecas

A UFBA conta atualmente com um conjunto de 29 bibliotecas instaladas em diversos campi, segmentadas em cinco áreas do Conhecimento: Ciências Físicas, Ciências Biológicas, Filosofia e Ciências Humanas, Letras e Artes.

Divulgação







O surgimento das primeiras bibliotecas no Brasil ocorreu no início do século XX, com acervos trazidos de Portugal por D.João VI. De lá para cá, desde a criação da primeira biblioteca - na Faculdade de Medicina (1909) -, a UFBA, antes chamada de Universidade da Bahia (1946), passou a abrigar acervos bibliográficos em suas unidades de ensino. A Biblioteca Central da Universidade teve seu surgimento no ano de 1968, como órgão suplementar da UFBA e subordinado ao Reitor. Os primeiros acervos eram disponíveis para cursos de Ciências Humanas e Sociais, além de Biologia e Medicina Veterinária. Somente em 1975 a Biblioteca Central passou a ser chamada Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC) e em 2009 passou a ocupar o campus de Ondina.

### Lugares de Memória

Criada pelo Reitor Germano Tabacof (1984-1988), a Seção Lugares de Memória da UFBA tem o objetivo de preservar e divulgar as principais publicações da instituição, com o material histórico produzido por corpo docente/discente e administrativo. Atualmente, a seção se localiza no segundo andar da Biblioteca Universitária e integra a Divisão de Coleções Especiais, com acervos multimeios (coleções de suportes midiáticos como CD-Rom, Fita VHS e K7, além de materiais audiovisuais, como gravuras e plantas arquitetônicas), manuscritos baianos (com acervos da ditadura militar, lutas políticas, objetos pessoais e poesias de nomes da literatura baiana) além do acervo de obras raras,

datadas do século XVI e XVII. O espaço Lugares de Memória é parte do Plano Nacional de Obras Raras (PLANOR), projeto da Biblioteca Nacional, que pretende identificar e recuperar obras raras existentes nas bibliotecas brasileiras.

“A biblioteca é, seja ela física ou digital, guardiã da memória da universidade”

### Livros digitais

A Universidade recebeu recursos da ordem dos R\$700 mil do Governo Federal para a compra das publicações, em 2016. Quando o assunto é publicação digital, o processo de compra se torna mais burocrático, através da aquisição de pacotes fechados para esses livros, em quantidades determinadas pelas próprias fornecedoras. “Algumas empresas que vendem livros eletrônicos oferecem com acesso limitado, a depender do título, autor e editora. Embora existam professores que preferam este novo formato, o próprio Ministério da Educação (MEC) e o INEP, ainda exigem a biblioteca física”, afirma Lidia.

A incorporação dos livros digitais no ambiente acadêmico é imprescindível para o desenvolvimento da academia, pois inclui tecnologia e inovação, conceitos que a universidade tenta cada vez mais implantar. “Estamos com uma proposta de ampliar o dinamismo nos sites do sistema, com o objetivo de proporcionar mais interação por parte dos alunos”, afirma a superintendente. O acesso aos livros digitais se dá por meio de mecanismos de interação online, como o Pergamum - sistema de consulta de livros -, o Repositório Institucional e livros periódicos, todos em formato digital. O acesso é livre e através do site [www.pergamum.bib.ufba.br](http://www.pergamum.bib.ufba.br).

### Pinacoteca na UFBA

Com o intuito de constituir uma biblioteca-modelo dentro da universidade e de livre acesso a toda a comunidade acadêmica, a professora Lidia se mostra otimista quanto a ideia de construção de uma pinacoteca na universidade. “Minha ideia é reunir nela acervos de pintores como Carybé e Calasans, contando com o apoio do reitor. Através disso, se cria um novo ciclo artístico e cultural na universidade, que servirá como ponto de encontro e convivência”, revela. A criação do projeto já faz parte do Plano Estratégico do SIBI 2016/2018.

### Edufba

Desde a criação da Universidade da Bahia (1946) transformada em Universidade Federal da Bahia em 1950, as atividades editoriais da instituição só entraram em vigor algum tempo depois, após treze anos de fundação, em 1959. Até se transformar em Editora da UFBA (EDUFBA), o espaço recebeu outros nomes, como Departamento Cultural, Programa de Textos Didáticos - idealizado pelo reitor Roberto Santos - e Centro Editorial e Didático - órgão até então responsável pela publicação de livros e que agregava também a gráfica universitária. Em 1992 - ano de incorporação do nome EDUFBA nas atividades editoriais da Universidade -, começou a ser formada e desenvolvida as políticas bibliográficas da editora. Com uma média de 100 novos títulos lançados e 30 mil exemplares vendidos por ano, a Edufba coloca toda sua produção no Repositório Institucional (RI). “Algumas coleções são disponibilizadas no RI imediatamente após a publicação, mas a maioria fica disponível após seis meses de publicado”, diz Flávia Rosa, diretora da EDUFBA.

A democratização do conhecimento é a maior política dentro do sistema de publicações da Universidade. Na Edufba, não há restrição com relação ao vínculo institucional do livro, salvo se o edital tiver isso dentre os critérios para submissão. Como tema do Congresso dos 70 anos da UFBA, o conjunto de publicações e histórias construídas pelos livros da universidade será homenageado. “A biblioteca é, seja ela física ou digital, guardiã da memória da universidade”, finaliza Lidia.

# Desculpem o transtorno

## Em obras, UFBA não para de crescer



Fotos: Dan Figliuolo

### Instituto de Ciências da Informação

A obra de Ciências da Informação foi licitada com uma primeira empresa e, em função da falta de celeridade, qualidade e prestação de serviço, o contrato foi cancelado e a empresa sofreu penalidade de multa contratual.

Fábio Velame, responsável pela Superintendência do Meio Ambiente e Estrutura da UFBA (SUMAI), explica que durante o processo de retirada das escórias várias peças estruturais sofreram deformações. “Contratamos um laudo técnico, que encontrou falhas na concepção, execução e qualidade do projeto, em termos de resistência. Em função disto, paralisamos a obra”.

Foi aberto também um processo de sindicância para apurar responsabilidades, além de um processo administrativo contra a empresa que elaborou o projeto e executou a obra, a partir disto será deliberada ações necessárias de continuidade dessa obra, com uma segunda licitação.

### Escola de Teatro

A estrutura foi concluída em 2012. Uma nova ordem de serviço foi dada em maio de 2016 para conclusão do prédio, com previsão de entrega de um ano e meio e investimento de seis milhões.

No novo prédio, funcionarão laboratórios de pesquisa, gabinetes e laboratórios de pós-graduação, além de uma sala de teatro experimental

### Escola de Música e Escola de Medicina Veterinária

Ainda inacabada, a Escola de Música da UFBA (EMUS) foi iniciada em 2008, a primeira do REUNI. O prédio tem a finalidade de reunir a parte administrativa, técnica, operacional, de manutenção dos instrumentos, ensaio da orquestra e salas de aula. Heinz Karl, diretor da EMUS, conta que o atraso na finalização do prédio prejudica a unidade e que a comunidade da EMUS desenvolveu uma enorme expectativa pelo prédio novo, obra que se estende por oito anos.

A demora na conclusão da obra ocorreu devido à ocupação de uma parte do prédio pela Escola de Medicina Veterinária (EMEV). Com a finalização da reforma da EMEV, ainda neste ano, o prédio da EMUS será desocupado e reiniciado quando houver orçamento disponível na Universidade. “É uma questão também orçamentária, a gente vai ter que refazer as obras aos poucos, uma de cada vez.”, afirma Velame se referindo ao corte de 50% do capital e ao contingenciamento de 60% neste ano.

### Cris Almeida e Paloma Morais

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) vai receber nove novas unidades nos próximos anos. Os prédios vão abrigar os cursos de Teatro, Música, Ciências da Informação, Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), Dança e Arquitetura, além dos complexos da Politécnica, Física e Química. Entretanto, algumas construções ainda não foram finalizadas. Parte delas aguarda reformulação do projeto final, ainda em fase de discussão, para decidir quais mudanças serão executadas. A pausa nas construções deve-se também a restrições orçamentárias que atingem a instituição.

De 2015 até o momento, foram entregues as obras de um dos ambulatórios e do setor de radiologia da Faculdade de Odontologia, o prédio anexo e auditório do Instituto de Biologia, a ampliação e reforma da Faculdade de Farmácia e a obra de reforma da Escola de Enfermagem, entregue em comemoração aos 70 anos da UFBA.



## Escola de Dança

A obra de dança tem o objetivo de ampliar o atual prédio em funcionamento que conta com 1.605m<sup>2</sup>, área insuficiente para a demanda vigente de alunos da escola. Dulce Aquino, diretora da Faculdade de Dança, conta que o prédio em construção que serviria para salas de aulas, administração e área de convivência tem cinco anos sem desenvolvimento. “A construção começou em 2008, deram dois anos de previsão e, quando faltavam apenas nove meses para a conclusão, ninguém mais apareceu para finalizar”. Aquino afirma que a entrega da ampliação da faculdade vai ajudar na distribuição das salas de aulas e alívio na quantidade de ingressos que aumentou após a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Segundo Fábio Velame, a empresa abandonou a obra após finalizar a estrutura e atualmente está em processo de retomada do projeto. O objetivo da nova proposta é de reduzir custos, que hoje é estimado em cerca de seis milhões para conclusão do prédio.



## Instituto de Humanidades, Artes e Ciências

Destinados a abrigar o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, os prédios A e B em construção do IHAC, possuem uma visível diferença: a obra A está mais adiantada que B no que diz respeito a fachada e estrutura.

Em finalização, o prédio administrativo do Instituto, que hoje está instalado no PAF 4, mudará para o prédio A assim que a obra for finalizada, em outubro deste ano. Nas edificações irão funcionar todas as secretarias do BIs, e toda parte do colegiado. “Esse prédio vai estar pronto em outubro [de 2016], a parte física está praticamente feita, faltando somente a subestação [elétrica]. O projeto foi encaminhado e está sendo analisado pela Coelba”.

O prédio B só será finalizado com a liberação de novos recursos.



## Complexo de Química e Física

Após um incêndio no quinto andar da Faculdade de Química, foi indispensável a reforma do prédio e também proposto a construção do Complexo de Química e Física. Em 2013 grande parte da reforma estava pronta, porém a obra atrasou devido à dificuldade de trabalhar nos setores que permaneceram em funcionamento.

“Também em função das novas demandas da unidade, nesse momento, estamos retomando a avaliação desse projeto para poder atender tudo na medida do possível. Ao finalizarmos o semestre 2015.2, pretendemos realizar a contratação de um projeto executivo novo e retomar a licitação dessa obra”, afirma Velame.



## Complexo da Politécnica e Faculdade de Arquitetura

Também em 2012 foi concluída a primeira etapa do Complexo da Politécnica, que teve início em 2011. Inicialmente estava prevista a construção de nove andares, três de serviços e mais seis de salas e laboratórios, mas atualmente a Escola está rediscutindo o uso do prédio. A conclusão da obra aguarda a liberação de recursos. “Estamos reelaborando o projeto para atender às novas demandas por parte da direção da Escola”, afirma Velame.

Na mesma linha da Politécnica, a obra da Faculdade de Arquitetura (FAU) também teve sua primeira etapa concluída e aguarda o processo de licitação para a segunda fase. “Estamos concluindo um projeto executivo junto com a FAU com o objetivo de fazer a passarela de ligação do prédio novo com o antigo, a subestação, e a parte elétrica”. No prédio funcionará a pós-graduação, o atelier de projeto, os laboratórios de pesquisa da unidade e os gabinetes dos professores.

# Excelência é aqui

Conheça projetos de ensino, pesquisa e extensão da UFBA

Gustavo Mões e Josenildo Moreira

O desejo de estudar em uma universidade pública acompanha boa parte dos sonhos daqueles que buscam o ensino superior. Além de ser gratuita, estas instituições prezam por um ensino calçado na produção acadêmica, pesquisa e extensão - na UFBA não é diferente. Ao longo dos seus 70 anos, a universidade tem sido polo de diversos projetos que contribuem para sua excelência. De Edgard Santos a Tânia Fischer, passando por Martim Gonçalves e Walter Smetak, a instituição se notabilizou com grandes nomes para o desenvolvimento intelectual do país. Hoje, a UFBA possui 498 grupos de pesquisa registrados no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), além de 57 cursos de mestrado e 39 de doutorado. A universidade também dispõe das ACCs, Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade, em que os alunos desenvolvem ações de extensão que visam a transformação da sociedade. As ACCs são aprovadas em editais abertos da Pró-reitoria de extensão. No segundo semestre de 2015 foram aprovados 36 projetos e no primeiro semestre de 2016 até 40 projetos podem ser aprovados pela comissão avaliadora. O Jornal da Facom escolheu alguns dos projetos que reafirmam o compromisso com o conhecimento.

## **Pesquisa com células-tronco no Hospital Universitário Professor Edgard Santos**

Qualquer tratamento médico com eficácia de 93% dos casos chama a atenção. Para chegar nesse valor, entretanto, existe um empreendimento intelectual intenso, fruto da pesquisa comprometida com o atendimento à sociedade. É o caso do procedimento desenvolvido em pesquisa pelo professor Gildásio Dalto, chefe do serviço de ortopedia do Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES/UFBA) em parceria com a Universidade de Paris XII, com o professor Philippe Hernigou, do departamento de Cirurgia Ortopédica. O procedimento é uma cirurgia para o tratamento de pacientes que sofrem necrose nos ossos, as osteonecroses, por conta da anemia falciforme. A cirurgia consiste na aplicação de uma espécie de massa contendo células-tronco do próprio paciente em oposição ao tratamento tradicional que indica a implantação de prótese para o paciente, já que o osso começa a se desgastar com o tempo. Dessa forma, o procedimento, que já atendeu 500 pacientes, é menos invasivo, custam 1/5 do valor e oferecem risco zero, já que o material utilizado é do próprio paciente, e segundo informações do professor Dalto. A cirurgia é realizada em pacientes na fase inicial da necrose nos ossos, mas mesmo assim, indica o avanço alcançado através do exercício intelectual de excelência. “Os resultados com a aplicação de células tronco têm sido melhores e mais rápidos do que com a aplicação dos fosfatos de cálcio sem as células. O paciente já começa a sentir o alívio da dor dentro de 48 horas”, explica o professor.





## GRIÔ

O Grupo de Pesquisa “GRIÔ: culturas populares, diáspora africana e educação”, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, é coordenado pelos professores Pedro Rodolpho Jungers Abib e Eduardo David de Oliveira, juntamente com as pesquisadoras Flavia Maria Chiara Candusso, Martha Benevides da Costa e 20 estudantes, entre mestrandos e doutorandos. Tem como objetivo a realização de estudos sobre africanidades e culturas populares, no intuito de reforçar as ações nesta área, pois apesar de ser obrigatória na jurisdição da educação brasileira, ainda sofre invisibilidade institucional. Constitui-se como um espaço de formação, onde teses, dissertações, artigos, capítulos de livros e livros são construídos, disseminados e socializados para os públicos diversos, a exemplo de organizações governamentais, centros de formação profissional, ONGs, sindicatos e grupos de cultura popular, especialmente capoeira e religião de matriz africana. O “GRIÔ” nasceu com três linhas de pesquisas: 1) Culturas Populares; 2) Diáspora Africana; 3) Gênero, Raça e Sexualidade. Sua missão é agregar pesquisadores da graduação e da pós-graduação, tanto quanto as lideranças comunitárias, os mestres populares, a juventude, coordenadores de ONGs e todos os de notório saber no âmbito de atuação do Grupo.

## TECLIM

A “Rede de Tecnologias Limpas - TECLIM” foi criada em 1997, mas suas atividades foram iniciadas no ano seguinte. Coordenado pelo professor Asher Kiperstok, o grupo tem o intuito de estabelecer e dinamizar cooperação interinstitucional para realização de estudos e experiências no sentido de ampliar e aprofundar o conceito de tecnologias limpas na prática produtiva em geral e mais especificamente na produção industrial, assim como, simultaneamente, iniciar o desenvolvimento de ações que as tornem realidade. A consecução deste objetivo requer uma ação abrangente e articulada entre os diversos atores envolvidos: organizações em geral, setor industrial, órgãos governamentais e o setor educacional, particularmente a Universidade Federal da Bahia. O objetivo é privilegiar as medidas de prevenção da poluição e minimização de resíduos àquelas que apenas visam transformar os resíduos gerados para facilitar a sua disposição no meio ambiente. Em 2012, Asher Kiperstok recebeu o “Prêmio Pessoa Física com maiores experiências bem sucedidas na área de educação ambiental e sustentabilidade”, durante a 8ª Conferência Jaime Wright de Promotores da Paz e dos Direitos Humanos, que teve como tema “Os Direitos Humanos e Sustentabilidade”.

## Observatório de Pacificação Social

Instituído em 2013, o Observatório de Pacificação Social é um programa de extensão coordenado pela Professora Ana Paula Rocha do Bonfim, da Faculdade de Direito. O projeto reúne projetos que conjugam ações relacionadas com a pacificação social que prevê a resolução dos conflitos para soluções mais justas e céleres em nome do equilíbrio das relações sociais. O Programa reúne projetos como as Atividades Curriculares em Comunidade (ACCs) “Observatório da Pacificação Social via MESC’s”, “Mediação Escolar em Pauta”, “Câmara Modelo de Mediação, Conciliação e Arbitragem”, “Um olhar sobre a conflituosidade nas comunidades tradicionais”, “Mediação Comunitária em Pauta”, “Mediar UFBA” e “Enfrentar UFBA”. Segundo informações do site do programa, ele “...se efetiva pela conjugação de projetos e ações na seara da Pacificação Social tendo em vista a necessidade de vivência acadêmica decorrente da prática dos meios adequados de resoluções de controvérsias”, a partir de ações de ensino, pesquisa e extensão. O grupo conta com a participação de professores de outras instituições como colaboradores, além de alunos oriundos de outras instituições de ensino selecionados de acordo com editais.

## Ato de 4

O “Ato de 4” é um projeto de pesquisa e extensão coordenado pelos alunos e orientado por um professor da Escola de Teatro da UFBA (ETUFBA) que visa a manutenção de um espaço laboratório para experimentação de cenas teatrais. Idealizado em novembro de 1996 por Bertho Filho e Ney Wendell na organização, então estudantes da ETUFBA, a ação surgiu como parte das comemorações dos 40 anos da Escola e é constituída de quatro esquetes que são apresentadas às segundas-feiras durante um mês. A cada mês, outras propostas são escolhidas. Atualmente, a equipe é composta por: Maurício Pedrosa (Professor Orientador), Sidnaldo Lopes e Otávio Correia (Coordenadores Gerais), Felipe Virguini, Guilherme Hunder, Genário Neto e Lohana Soares. De acordo com Hunder, o espaço é aberto a todos estudantes de artes da UFBA. “É um lugar de experimentação, sem necessidade do compromisso acadêmico. As inscrições ficam abertas o ano todo. Para participar, submete a inscrição pelo site e, então, avaliamos o conteúdo e vemos se respeita o tempo máximo de 15 minutos”, explica o graduando em Direção Teatral. Em dezembro de 2015, foi criada a 1ª Premiação do Ato de 4 (PremiAto) com o objetivo de premiar quatro cenas que se destacaram ao longo do ano, com premiações oferecidas através de recurso cedido pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT).

## IRNC Chapada Diamantina

O IRNC Chapada Diamantina é um dos projetos lotados no Grupo de Pesquisa de Arquitetura Popular: Espaços e Saberes, da Faculdade de Arquitetura da UFBA, coordenado pelo professor Eugênio de Ávila Lins. INRC é sigla de “Inventário Nacional de Referências Culturais”, uma metodologia de pesquisa proposta pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o objetivo desenvolver conhecimento sobre as atividades de determinados grupos sociais a partir de características que constituem marcos e referências de identidade desses grupos. Aliado a um dos eixos de análise do grupo de Arquitetura Popular que busca conhecer saberes tradicionais e sua relação com diversidade das formas e características espaciais da arquitetura popular, é desenvolvida desde 2014 uma pesquisa que procura conhecer os mestres e artífices que trabalham com a construção civil tradicional na região da Chapada Diamantina. Ao todo, foram identificados 43 mestres e artífices de diferentes ofícios, tais como: oleiro, adobeiro (que trabalha com tijolo adobe), taieiro, serralheiro, ferreiro, extrator de pedra, pedreiro e canteiro. O projeto se encontra na fase de documentação, com a produção de textos e audiovisuais dos mestres que tem previsão de conclusão estipulada em 30 de junho de 2016.

# UFBA: 70 anos desenvolvendo as ciências, culturas e artes

Coordenação da Assufba Sindicato

No ato de sua criação a nossa universidade foi concebida seguindo um modelo avançado para o seu tempo. De “única” Universidade da Bahia, aos nossos dias... A Ufba evoluiu de forma comprometida e generosa! Aqui estamos presentes contribuindo com a construção e consolidação dos pilares indissociáveis à moderna universidade brasileira: ensino, pesquisa e extensão afirmam o alto padrão de qualidade e o nosso compromisso com a sociedade pelas mãos conscientes dos seus trabalhadores e trabalhadoras.

Vivemos dias sombrios em nosso país. Um golpe “midiático-jurídico-policial-parlamentar” fere de morte a nossa jovem Democracia. Durante a Ditadura Militar, (64-88) do séc. XX, atuamos como destacada trincheira de lutas em defesa da universidade pública, gratuita, democrática e dos direitos de todos os trabalhadores; mesmo sem ter direito à organização sindical e só como associações recreativas em todo o país, mudamos por dentro a natureza das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras. Hoje não aceitaremos retrocessos!

Em 1/dez/80, depois de riquíssimo processo, com “discussão política quase clandestina” na instituição, os servidores à época decidiram por avançar e fundar a nova organização no interior da universidade como instrumento de lutas. Lá em 84, fizemos a primeira grande greve com mais de 84 dias, desafiando a ditadura militar de plantão. Ganhamos em capacidade de organização por local de trabalho, na elevação do nível de consciência política e de classe da categoria como nunca tinha acontecido na

história da nossa universidade; inaugurando “um novo tempo” no Serviço Público Federal da Bahia. Pagamos caro pela ousadia! Salários suspensos e toda sorte de dificuldades desabaram sobre as nossas cabeças, mas, não negamos a “concepção classista” que as líderes Alice Portugal e Vânia Galvão dentre outros na comunidade universitária conscientizavam homens e mulheres até então invisíveis e desrespeitados na instituição! Doravante, nada mais fora como antes. Acordamos para a consciência e a solidariedade de classe.

A ASSUFBA completou 35 anos de vida com relevantes serviços prestados à universidade, ao povo baiano e brasileiro. A comunidade universitária: técnico-administrativos em educação, professores, estudantes e trabalhadores terceirizados respeitam a nossa história de luta e conquistas ao longo do tempo. Nossa maior bandeira é a democracia interna consciente e a responsabilidade coletiva para garantir os interesses e direitos corporativos. Somos um sindicato independente de governos, partidos e patrões. Com qualidade estamos nos Conselhos Superiores e desejamos que a UNIVASF, UFRB, UFOB, UNILAB e UFSB tenham condições plenas de funcionamento com Turnos Contínuos de Trabalho para todos. Votamos a favor do Reuni. Somos contra a EBSEH. Defendemos os HU’S e o SUS 100% PÚBLICOS.

Com a certeza de que outra Universidade é possível. E a luta dos trabalhadores não tem fim. Desejamos um feliz aniversário à UFBA! Vida longa à ASSUFBA!

FORA TEMER GOLPISTA! NÃO PASSARÃO!



## Terceira pessoa do plural

### Terceirização afeta funcionamento da UFBA

Gabriela Ferreira e Miria Cachoeira

Ao longo dos últimos anos na UFBA, cargos ocupados por servidores concursados vêm sendo substituídos pelos trabalhadores terceirizados. As primeiras áreas foram portaria e limpeza, expandindo-se a serviços ligados à segurança, transporte, recepção, alimentação e auxiliares técnicos administrativos. Três mil trabalhadores da universidade são terceirizados. Segundo Dulce Guedes, assessora especial da Pró-reitoria de Administração (PROAD), esse número corresponde a 25% do quadro de funcionários. Distribuídos em diversos departamentos, estes trabalhadores exercem uma carga horária superior aos servidores mas, com salários menores. Um setor não pode ter mais trabalhadores terceirizados que concursados, porém há setores na UFBA onde o número de terceirizados chega a ser cinco vezes maior que os concursados.

A terceirização é permitida para atividades-meio, ou seja, qualquer função que não seja o principal objetivo da empresa ou instituição. Porém, em 2015 foi aprovado na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 4330/04 - ainda não votado no Senado, onde segue trâmite como PLC





30/2015- que regulamenta os direitos dos trabalhadores terceirizados, além de possibilitar a extensão da contratação para as atividades-fim, como já ocorre em diversas empresas privadas, como no setor automotivo.

A terceirização afeta os direitos básicos dos trabalhadores, tal como as férias. O auxiliar técnico-administrativo Marivaldo Santos, lotado há seis anos na Facom, está há três anos sem tirar férias pois, a cada ano, uma nova empresa assume o contrato e não é dado o benefício. Atrasos nos pagamentos também são frequentes. “Já fiquei mais de 90 dias sem receber salário”, desabafa Marivaldo.

Conforme art.78, inciso XV, da Lei nº 8.666/1993 que rege sobre licitações e contratos, as empresas contratadas para prestar serviços assumem a responsabilidade legal de cumprir com recursos próprios suas obrigações com seus profissionais, em caso de atrasos nos pagamentos pela contratante ao longo de até 90 dias. Porém algumas empresas não cumprem o contrato e os funcionários ficam sem receber benefícios como auxílio transporte, alimentação e em alguns casos até mesmo o salário. No âmbito sindical, a demanda é uma só: Não à terceirização. ●

Entre os anos 2008 e 2014 o número de docentes aumentou em 18,4% e o de discentes, 43,9%. Já o número de técnicos-administrativos apresentou redução de 1,83%.

# Contribuições e desafios d@s docentes

**Claudia Miranda**

(Presidente do Sindicato dos Professores das Instituições Federais de Ensino Superior da Bahia – APUB)



Com o lema “não há país desenvolvido sem educação de qualidade e professores valorizados”, o movimento docente vem pautando suas frentes em defesa da educação pública, em todos os níveis e esferas. Particularmente na rede federal de ensino superior, na qual o UFBA se insere, temos levado a cabo este lema, através do nosso fazer acadêmico e da ação política, integralmente entrelaçados. Docentes da UFBA, ativ@s e aposentad@s, têm sua história marcada pelo engajamento constante nos múltiplos setores da sociedade, tomando para si a responsabilidade de propor e implementar políticas, produzir novos valores e promover o diálogo entre saberes e conhecimentos científicos e populares.

Em sua história, a UFBA alcançou a relevância para o desenvolvimento do Estado da Bahia e da região Nordeste, incontestavelmente, pelo empenho e qualidade do seu quadro docente. Fato emblemático recente foi a disposição d@s professores da UFBA em liderar um movimento nacional pela expansão, democratização e

interiorização do acesso ao ensino superior público federal, associado a programas e políticas voltados para o ensino (graduação e pós-graduação), extensão, pesquisa e ações afirmativas. Ao assumir esses compromissos e abraçar tais responsabilidades, nós docentes, com firmeza e determinação, lutamos por melhores condições de trabalho e

reconhecimento acadêmico, científico e profissional.

O Congresso comemorativo dos 70 anos da UFBA vem impulsionar o debate sobre o papel, os desafios e as estratégias para garantir à UFBA, e às demais IFES, as plenas condições para o exercício acadêmico, científico, tecnológico e cultural, especialmente num contexto político adverso e ameaçador sobre a sua autonomia, financiamento e

qualificação. Para barrar qualquer um destes retrocessos, @s docentes reagem com rigor, reafirmando sua histórica disposição à luta pela educação pública de qualidade e por um país mais justo e socialmente mais inclusivo. Viva a UFBA! Viva @s professor@s da UFBA!

“

Os e as docentes lutamos por melhores condições de trabalho e reconhecimento acadêmico, científico e profissional

”



O Diretório Central dos Estudantes (DCE) foi convidado a colaborar com o envio de um texto para esta edição, porém, até o fechamento, não recebemos a coluna.

# Meninas de Ouro do Basquete

Apesar dos desafios enfrentados, equipes de esporte feminino da UFBA apresentam resultados expressivos



Helena Mafra e Paloma Rigaud

Na primeira semana de novembro de 2015, a Seleção Feminina de Basquete da UFBA conquistou um título inédito para a Bahia no JUBs (Jogos Universitários Brasileiros). O time baiano foi campeão da 3ª divisão dos Jogos enfrentando equipes de quatro estados: Maranhão, Tocantins, Sergipe, e Amazonas. O jogo mais emocionante, até a final, foi contra a equipe de Sergipe, um adversário que as meninas da UFBA conheciam muito bem. O time sergipano ganhava em estatura, mas perdia em união e entrosamento. Após um jogo muito disputado, as baianas conquistaram a vaga na grande final. A disputa da medalha de ouro foi contra a equipe da Universidade Federal do Amazonas. Um jogo pegado, com muitas faltas e grandes disputas de bola embaixo do garrafão. Ao final, melhor para a equipe baiana.

A Seleção Feminina de Basquete da UFBA foi criada em agosto de 2014, a partir do sistema bolsa-atleta disponibilizado em edital pela PRO-AE (Pro Reitoria de Ações Afirmativas e Assistên-

cia Estudantil). Duas semanas após a sua criação, a equipe disputava sua primeira competição universitária: o JUBA (Jogos Universitários Baianos). Apesar de recém-formado, o time conquistou o título e garantiu vaga no universitário brasileiro. O grupo tinha uma difícil missão três meses após sua formação: disputar um torneio nacional com uma equipe pouco entrosada e com um preparo físico que deixava a desejar. A competição foi realizada em Aracaju e o novato time da UFBA perdeu todos os jogos que disputou. A falta de entrosamento, devido ao pouco tempo de treinamento, foi uma das questões levantadas pela treinadora Juliana Dias Santana. “Existia um grupo, mas não éramos um time”, afirma a técnica. No entanto, o potencial da equipe ficou evidente quando o time conseguiu bater de frente com adversários mais organizados e experientes. “O JUBs de 2014 serviu como um divisor de águas na evolução e amadurecimento da equipe. Voltamos pra casa com a mentalidade de que poderíamos melhorar muito se treinássemos focadas para o JUBs do próximo ano”, completa Juliana.

**Nova fase**

A partir daí, no ano de 2015, a mentalidade da equipe mudou. O time estava motivado e evoluindo de forma coletiva. Os treinos, que passaram a ser mais rotineiros, exigiam, cada vez mais, um melhor condicionamento físico das jogadoras. No primeiro semestre daquele ano, as atletas disputaram, pela primeira vez, o JUFs (Jogos das Universidades Federais) e, juntamente com o basquete masculino da UFBA, venceram a competição. A vitória do JUFs fortaleceu a equipe, fez com que o time passasse a acreditar em seu potencial. “O título do JUFs serviu como uma válvula para o nosso time. Todo o grupo passou a acreditar que poderíamos ir ainda mais longe e vencer outros campeonatos”, revela Juliana.

Na segunda metade de 2015, todos os ânimos estavam voltados para o JUBs. A greve das universidades federais permitiu que a equipe tivesse mais tempo para se dedicar aos treinamentos. Para Maria Lima, estudante de medicina e ala do time, a rotina exaustiva de treinos fortaleceu o espírito esportivo dentro do grupo e despertou em cada uma delas o desejo em obter melhores resultados nas



competições futuras. “Nós nos sentíamos motivadas. Era como se soubéssemos que cada gota de suor derramado durante os treinamentos valeria a pena”, confessou a atleta.

### **Caminhos para a vitória**

O JUBs, por ser o maior evento universitário da América Latina, permite ao atleta uma troca de experiência que ultrapassa as linhas da quadra e a disputa por medalhas. Vivenciar a rotina de uma competição dessa magnitude é uma oportunidade única de amadurecer como atleta e, conseqüentemente, evoluir como equipe. A experiência é tão marcante que alguns esportistas têm a oportunidade de voltar, anos depois, como treinadores. É o caso da treinadora de basquete da UFBA. Juliana acredita que participar do universitário brasileiro é um passo importante na evolução de todos aqueles que vivem em prol do esporte. Para ela, que nunca havia treinado um time de basquete antes, ser campeã brasileira é o reflexo de muito trabalho e união dentro do grupo: “Eu sempre acreditei que se cada atleta soubesse o seu papel dentro da equipe, nós seríamos um grande time. A dedicação de cada jogadora, o nosso entrosamento e força de vontade, permitiram que ganhássemos o JUBs. E ser campeã brasileira foi a realização de um sonho, uma felicidade indescritível”, conta Juliana, que foi eleita a melhor técnica universitária de 2015.

Em 2014, o time ganhou destaque no esporte baiano por conta do troféu Melhores do Esporte da Bahia, promovido pela Superintendência de Desportos do estado da Bahia (SUDESB). Além do prêmio de Melhor Técnica Universitária, o time feminino ainda teve como destaque a capitã Amanda

Matos como Melhor Atleta Universitária, e a pivô Laís Peixoto, aluna do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, como a Melhor Atleta da Liga de Basquete de Cajazeiras.

### **O início**

A seleção de basquete foi criada a partir do desejo da estudante de gastronomia, Amanda Matos, montar uma equipe de basquete na universidade. A aluna, que já vivia a prática do esporte desde o colégio, sabia da existência de modalidades coletivas (handebol, futsal, vôlei) e da ausência do basquete feminino. Foi aí que ela mobilizou e incentivou outras meninas a, juntamente com ela, formarem a equipe de basquete da UFBA. Para Amanda, que é capitã do time, a evolução da equipe, com menos de um ano de formação, a conquista de campeonatos regionais e o título do JUBs foram conseguidos através de muito treinamento e de muita dedicação. A vitória no campeonato universitário, segundo ela, foi um reflexo da confiança que existia dentro do equipe: “Vencemos porque, antes de tudo e todos, acreditamos que seríamos capazes, acreditamos que alcançaríamos voos altos, acreditamos que 2015 seria o nosso ano, e foi”.

Além disso, a vitória no JUBs, como não poderia ser diferente, tornou o basquete baiano respeitado no cenário nacional. Segundo a armadora, “ser campeã invicta do JUBs foi algo que trouxe muito reconhecimento para a gente, como equipe. O nosso título foi importante não só para a UFBA, mas também para a Bahia. Porque os adversários começaram a respeitar o basquete feminino baiano. E isso, para mim, não tem preço, é uma grande realização.”

O título nacional foi conquistado em meio a muitas dificuldades. A busca por um local ideal de treinamento (na UFBA não há uma quadra poliesportiva coberta e com dimensões oficiais) e a necessidade de fortalecer a equipe física e emocionalmente, em um curto período de tempo, foram algumas das empecilhos que o time teve que enfrentar na trajetória até a medalha de ouro. Mas, apesar das dificuldades, a treinadora diz que a equipe está sempre se esforçando para obter bons resultados nos campeonatos: “Apesar de termos algumas limitações de estrutura física, aqui na UFBA, isso não abala o nosso time. Mesmo com as dificuldades, estamos sempre em busca da vitória nas competições que disputamos.”, afirma Juliana, cheia de orgulho. Toda essa força de vontade é reflexo de um time que está sempre em busca de representar, da melhor forma possível, a sua universidade e o seu estado. E, dessa maneira, o time feminino de basquete da UFBA supera os obstáculos na busca pela perfeição da prática esportiva.

A treinadora ressalta ainda a importância de que mais estudantes se interessem pelo basquete para que haja sempre uma renovação da equipe: “Há um limite de idade para que as atletas possam participar das competições; geralmente, vinte e quatro anos. Por isso, é importantíssimo que haja uma renovação do nosso time. Os nossos treinos são abertos para todas as estudantes da UFBA que desejem fazer parte do nosso time e estejam interessada em viver essa experiência dentro da universidade. Por isso, deixo aqui o meu convite para que venham fazer parte da seleção de basquete”, encerra Juliana.



Divulgação

“É como se nós tivéssemos colhendo o que a gente plantou durante o ano”, diz a treinadora do time, Juliana Dias

A cada ano, o JUBs é realizado em uma cidade diferente. . O JUBs de 2015 ocorreu em Uberlândia-MG e contou com a participação de 4200 atletas de todos os estados do Brasil.

As alunas interessadas em participar da seleção de basquete da UFBA devem acessar a página do time no facebook <https://www.facebook.com/basquetefemininouiversitario/?fref=ts> onde informam sobre locais e horários de treinamento.



# Mudanças Climáticas: X da questão secular

## Pesquisadores da UFBA apontam futuros danos resultantes das alterações no clima em Salvador e no Brasil

Josenildo Moreira

**D**erretimento das calotas polares, dias e noites mais quentes que as médias locais, mudanças nas taxas de evaporação, aumento da ocorrência de tempestades e intensificação da erosão costeira são algumas das consequências verificadas pelas alterações no clima, nos últimos anos, em todo planeta. Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças do Clima (IPCC), o nível do mar subiu 17 centímetros durante o século XX e a previsão para 2100 é de até mais 55 cm, além da estimativa da elevação global da temperatura em 4°C, o que pode ocasionar efeitos drásticos, caso medidas reparatórias não sejam pensadas e executadas. Pesquisadores do Instituto de Geociências da UFBA já apontam as fortes chuvas, que anualmente assolam Salvador, como um resultado primário às mudanças climáticas sofridas pela região.

Entender as previsões, possíveis impactos detectados pelos cientistas, bem como os caminhos a serem cumpridos pelas empresas e população para retardar o processo é uma necessidade real. Por isso, muito tem se debatido sobre efeito estufa. Independentemente de alguns cientistas considerarem tais alterações como ciclos climáticos naturais, é um consenso entre a comunidade especializada no assunto a influência da ação humana sobre o

clima. A pesquisadora em Serviços Ecológicos de Recifes de Coral em Cenário de Mudanças Climáticas da UFBA, Carla Isobel Elliff, ressalta a importância em esclarecer, primeiramente, que efeito estufa é um processo natural de retenção de irradiação nas camadas inferiores da atmosfera, tendo como consequência a manutenção da temperatura média do planeta dentro da faixa habitável. Sem ele, a Terra seria extremamente fria.

“Acredito que o termo mais correto para falar sobre esses fenômenos que estão ocorrendo no planeta seja ‘mudanças climáticas’, pois têm-se observado em algumas regiões recordes extremos de frio e, em outros, de calor”, explica. Quanto à elevação do nível do mar, percebida em diversas regiões do planeta, Elliff enfatiza ser uma resposta direta ao aumento de temperatura das camadas superficiais dos oceanos que, em função da expansão molecular (maior espaçamento entre as moléculas de água), tem seu volume aumentado. O derretimento das geleiras contribui com uma pequena parcela para esse aumento.

### Cenário Brasileiro

Tratando-se de uma estimativa global, a elevação da temperatura em 4°C traria graves transtornos para o Brasil. Segundo o professor titular em

Geologia Costeira e Sedimentar da UFBA e coordenador do Grupo de Pesquisa Neotectônica e Termocronologia Litorânea do estado da Bahia, que estuda a crosta continental e a evolução das placas tectônicas, José Maria Landim Dominguez, o aumento provocaria sérias mudanças na estruturação do clima, entre elas estão alteração na distribuição de chuvas, padrões dos ventos e maior frequência de eventos extremos, a exemplo das cheias e tempestades, dias e noites cada vez mais quentes, intensificação da erosão costeira e alagamento de áreas baixas decorrentes do aumento do nível do mar.

Dominguez explica que as mudanças químicas na temperatura oceânica impactam diretamente na vida marinha e, conseqüentemente, os serviços ambientais que esses ecossistemas oferecem ao homem. Assim, podem, por exemplo, afetar a atividade pesqueira - diminuindo as capturas a nível industrial e artesanal, alterar vazões de rios ocasionando problemas hídricos, como abastecimento de água para usos domésticos e industriais, além da geração de energia elétrica.

Quanto à saúde pública, o pesquisador do Núcleo de Estudos Hidrogeológicos e do Meio Ambiente (Nehma/UFBA), Gerson Fernandino de Andrade Neto, alerta que essas alterações modificariam os locais de ocorrência de doenças transmitidas por vetores presentes em temperaturas mais elevadas. Tais efeitos acarretariam em uma elevação no índice de pessoas desabrigadas, pois teriam que evacuar a região e enfrentar uma demanda maior pela produção de alimentos. “É importante que o governo local, regional e nacional avalie suas vulnerabilidades para que seja possível minimizar ou mitigar os impactos e garantir, dessa forma, uma adaptação mais efetiva”, pontua. O Nehma desenvolve projetos de pesquisa e extensão voltados à produção e divulgação de conhecimento e o desenvolvimento social e econômico sustentável, buscando articular a interação entre a universidade, organizações públicas e privadas, dos setores produtivos, de pesquisa e desenvolvimento, educação, capacitação profissional, regulação e monitoramento de recursos hídricos e ambiental.



### O que esperar para Salvador?

Andrade aponta que as partes mais baixas da cidade poderão ser inundadas pela água do mar e faz um panorama de como aconteceria. “Imagine-mos uma praia deserta, sem nenhuma cidade por perto. Quando o nível do mar sobe, a tendência é que essa praia migre em direção ao continente, não causando nenhum problema para o ser humano, pois é inabitável. Agora, vamos inserir o homem no contexto. Salvador tem em torno de 2,6 milhões de habitantes e com a elevação do nível do mar, o mesmo que aconteceu com a praia deserta, acontecerá com a capital baiana, só que, pelo fato de ter substituído o ambiente natural por concreto e asfalto, a água vai destruir as ruas e propriedades”, explana. Porém, adverte que o processo será lento e não um alagamento catastrófico típico de produções hollywoodianas. Segundo ele, a praia buscará um novo equilíbrio e, para isso, migrará até o interior do continente que, obviamente, destruirá o que tiver em seu caminho.

Dominguez adverte que as precipitações nas bacias hidrográficas de rios de Salvador diminuiriam, gerando problemas para o abastecimento de água na cidade. A erosão costeira se tornaria um problema cada vez mais presente na capital, cul-

minando na necessidade de projetos de “engordamento” de praias e modificações na infraestrutura de vários aspectos da cidade. Além disso, caso haja alteração no regime de chuvas ou elevação de ocorrência de tempestades, situações como alagamentos de vias públicas, desmoronamento de terras, aumento de doenças comumente associadas à incidência de chuvas, como a leptospirose, podem tornar-se mais frequentes em Salvador.

### Retroceder as mudanças climáticas?

Eliff reafirma que 97% dos especialistas da área concordam que o ser humano tem uma influência considerável no aumento da temperatura global, devido, em grande parte, à emissão de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>). Então, medidas que diminuam a ação do homem são altamente recomendáveis, como reduzir a utilização de carros ou praticar o costume de caronas, procurar consumir produtos produzidos localmente, não necessitando de grandes deslocamentos e, assim, grandes emissões, utilizar energias mais limpas e a reciclagem. Segun-

do ela, as empresas precisam encontrar maneiras de tornar sua produção mais eficiente, diminuindo o consumo de matéria-prima e energia, além de ter estabelecido uma política de sustentabilidade. “É muito importante garantirmos a resiliência dos ecossistemas, ou seja, diminuir os nossos impactos para permitir que eles tenham melhor capacidade de adaptação natural às condições estressantes causadas pelas mudanças climáticas. Um ecossistema saudável tem maiores chances de recuperação do que um impactado”, alerta.

Andrade admite a importância de cada indivíduo ou grupo fazer a sua parte, pois um exemplo inspira outro. Entretanto, ressalta que tais efeitos não são imediatos. As mudanças observadas hoje são reflexos de ações desde a Revolução Industrial. Desse modo, a continuidade da emissão de gases estufa contribui para permanência direta do problema e suas consequências sentidas por muitos mais anos. “Se interrompêssemos as emissões hoje ainda sentiríamos seus impactos por gerações. Sabemos que trazer para zero é virtualmente impossível, mas isso não pode nos impedir que tentemos reduzir ao máximo”, conclui.

“O processo será lento e não um alagamento catastrófico típico de produções hollywoodianas.”



Arte - Giovanni Rufino



# PERFIL

## Números de uma universidade consolidada

Setenta anos após sua fundação, UFBA mostra importância em números

Matheus Caldas

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) é o espaço universitário mais antigo do Brasil. Completando 70 anos como universidade, a instituição tem uma história que começou em 1808, com a fundação da Escola de Cirurgia da Bahia – precursora da Escola de Medicina –, instituída por D. Pedro I, então príncipe regente do país. No entanto, só em 1946 o espaço incorporou prédios e cursos espalhados por Salvador e deu início ao atual formato, que sofreu e continua passando por alterações.

Setenta anos após a fundação, a Universidade Federal da Bahia é a maior instituição de ensino da Bahia, e uma das mais tradicionais do Nordeste brasileiro. Segundo um levantamento realizado em 2015, a UFBA conta com 33.177 estudantes nas graduações disponíveis.

Na pós-graduação, a universidade tem um total de 125 cursos, com 5.317 matriculados e somados, unindo as sedes de Salvador e Vitória da Conquista. Dentre esses cursos, 15 são de Mestrado Profissional – 12 em Salvador e três em Conquista –, 63 de Mestrado Acadêmico – 61 na capital e dois no interior –, e 60 de Douto-

ra – 59 em Salvador e um em Conquista. Referência em pesquisas, a UFBA conta com 501 grupos e 2.398 linhas de pesquisa. Além disso, há 3662 pesquisadores, 1915 doutores, 7.475 estudantes e 212 técnicos, de acordo com Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão no qual esses dados estão vinculados.

Nas atividades de extensão, são inúmeras modalidades. São 35 programas, 137 projetos, 238 cursos e minicursos, 36 publicações e outros produtos acadêmicos, 232 eventos, 19 prestações de serviços, e 82 Ações Curriculares em Comunidade e Sociedade (ACCs), abarcando em torno de 10.913 participantes, segundo levantamento do Sistema de Registro e Acompanhamento de Atividades de Extensão – SIATEX.

Com o crescimento e consolidação no estado, a UFBA também precisou de uma expansão a níveis nacional e internacional. Fora do país, a instituição mantém 19 convênios, 10 renovações de convênio, 10 termos aditivos aos convênios, 95 mobilidades de estudantes em graduação, 109 mobilidades de estudantes estrangeiros também em graduação, nove convênios e co-tutelas, três termos aditivos aos convênios e co-tutelas, e 25 recepções e missões internacionais. Esse levantamento foi feito pela Assessoria para Assuntos Internacionais da universidade.

Em seus acervos, o Repositório Institucional da UFBA teve um acréscimo de 230,5% entre 2011 e 2014, chegando em 2015 com um total de 15.258 documentos, maiores que os 4.617 contabilizados em 2011.

Além disso, a instituição conta com 22 bibliotecas, 61.253 usuários ativos, 233.268 empréstimos, 221.806 títulos, e 718.672 exemplares. Os números foram disponibilizados pelo Sistema de Bibliotecas (SIBI).

A universidade dispõe também de produções editoriais de sua própria editora, a EDUFBA em três pontos de vendas. São publicados anualmente cerca de 120 títulos. Em 2015 foram 34 mil exemplares vendidos.

Por meio de seus profissionais e estudantes de saúde, a UFBA também presta atendimento aos baianos. Nas instalações da universidade, há consultas, internações, leitos ativos, partos cirúrgico e normal, exames laboratoriais e atendimentos odontológicos. Todos esses serviços são prestados no Hospital Universitário Prof. Edgard Santos (HUPES), na Maternidade Climério de Oliveira (MCO). Esses dados foram retirados do sistema Smart, do Sistema de informações dos hospitais universitários (SisREHUF) e dos relatórios estatísticos do Núcleo Hospitalar de Epidemiologia (NHE).

Após setenta anos, e em seu 16º reitor, João Carlos Salles Pires da Silva, a UFBA conta com um quadro de 2.275 professores permanentes, 394 substitutos e 11 professores de 1º e 2º graus, segundo números do Sistema Integrado de Pessoal. A universidade conta ainda com 3.225 servidores técnicos-administrativos.



Frente e verso da moeda cunhada em 1946 em comemoração da fundação da UFBA. (Acervo Escola de Belas Artes – UFBA).